

Patricia Guimarães de Oliveira da Silva

Ética e mediação de conflito no ambiente escolar

— MESTRADO EM ESTUDOS PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS EM
EDUCAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DAS
ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS

julho

20**17**

Patricia Guimarães de Oliveira da Silva

Ética e mediação de conflito no ambiente escolar

Projeto submetido como requisito parcial para
obtenção do grau de
MESTRE

Orientação
Professora Doutora Albertina Paiva

— MESTRADO EM ESTUDOS PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS EM
EDUCAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DAS
ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS

Aos meus queridos e amados pais José Roberto de Oliveira (in memoriam) e Deusedina Guimarães de Oliveira, sempre incentivadores dos meus estudos, e a quem devo gratidão eterna por tudo o que idealizaram que me tornasse.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pela compreensão, tempo de abstinência, dedicação e generosidade. Em especial ao meu marido e companheiro Fernando Xavier da Silva, que dirige grande parte do seu tempo à companhia de nossos filhos e abdica e renuncia de sua caminhada acadêmica em prol da conclusão da minha, sempre por mim idealizada. Aos meus filhos: Vinicius, Caio e Arthur de Oliveira da Silva que sempre a meu lado em sentido real ou figurado, me fazem refletir e buscar as razões que dão sentido a minha vida e a oportunidade de me manter em constante polimento de meu ser, para possibilitar o melhor a todos.

Agradeço a minha irmã Rachel Guimarães de Oliveira, que sempre me apoiou ao longo de toda vida e por quem nutro profunda admiração, amor e carinho e que sempre me auxiliou nos caminhos confusos com sua objetividade peculiar e pontual.

As minhas inspiradoras amigas de trabalho Adriana Freire Novaes e Helóisa Maria Abreu que me envolveram na atmosfera acadêmica aspirando uma vida de outras possibilidades e a concretização de novos sonhos!

A Professora Maria das Graças Ataíde de Almeida que me possibilitou instrumentos práticos para desenvolvimento deste trabalho e contribuiu consideravelmente para a conclusão do mesmo.

A minha orientadora, Professora Albertina Paiva, que sempre com muita tranquilidade e sabedoria brilhou intensamente em minha condução nesse valoroso trabalho, me inspirando incansavelmente apesar da distância oceânica entre nós. Sempre muito presente, cuidadosa e atenciosa em meus passos em direção à minha formação acadêmica.

Às amigas solidárias Kátia Jesus, Simone Jardim, Adriana Braga, Ana Claudia Calabre, Lecy Cardoso, Mara Barbosa e outros que me acompanharam e me incentivaram nessa jornada de estudos tão solitária, porém iluminada por tanto estímulo.

Aos colegas de turma que sempre presencialmente ou à distância estimularam o nosso crescimento coletivo, compartilhando materiais, lembranças e outras possibilidades agradáveis ao longo de nossos estudos.

E, principalmente, agradeço a Deus pela permissão e oportunidade de desenvolver esse trabalho de investigação que proporcionou meu crescimento pessoal e profissional e o ingresso no mundo científico, que por muitas vezes parecia tornar-se difícil e inatingível. Mas graças a sua poderosa manifestação foi possível a realização de mais esse sonho. Aos meus alunos por me manterem confusa em alguns momentos e inspirada sempre.

RESUMO

A presente investigação tem o objetivo de analisar a contribuição da ética na mediação de conflito no ambiente escolar de uma escola da rede estadual no município de Iguaba Grande, no estado do Rio de Janeiro. Fizemos uso de uma metodologia de natureza qualitativa, com estudo de caso. Para fins de recolha de dados, aplicamos entrevistas ao gestor da escola, a dois orientadores educacionais, a dois professores, a um coordenador, a um inspetor de alunos, a dois responsáveis (pais de alunos) e a seis alunos da unidade. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e validadas pelos participantes. Fixamos em nossos estudos uma abrangente revisão da literatura que compreendeu estudo histórico, as relações interpessoais no contexto estudado e legislação referente ao tema abordado. A informação recolhida nos possibilitou compreender e dimensionar o papel da ética como recurso na mediação de conflito, na ação pedagógica, assim como sua influência junto aos demais atores envolvidos nesse cenário. Os resultados apontados nos revelam que a escola de um modo geral compreende o que representa a ética e sua importância no ambiente escolar, entretanto ainda há bastante a ser feito para que ela se corporifique com raízes verdadeiras à cultura escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Conflito, Ética, Mediação, Ambiente Escolar.

ABSTRACT

The purpose of this research is to analyse the contribution of ethics in conflict mediation in the school environment. Based on a qualitative methodology, this is a descriptive type case study that involved a school Education Center of Iguaba Grande city in the state of Rio de Janeiro. For data collection purposes, we applied interviews to the school director, two educational counselors, two teachers, one coordinator, one student inspector, two student parents and six students from the unit. All the interviews were recorded in audio, transcribed and validated by the participants. We have established in our studies a comprehensive review of the literature that included historical study, interpersonal relations in the studied context and legislation regarding the topic addressed.

The information gathered allowed us to understand and to dimension the role of ethics as a resource in mediating conflict, in pedagogical action, as well as its influence with the other actors involved in this scenario

The results show that the school generally understands what ethics represents and its importance in the school environment, although there is still a lot to be done so that it can be embodied with true roots in the school culture.

KEY WORDS: Conflict, Ethics, Mediation, School Environment.

ÍNDICE

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS	xi
ÍNDICE DE QUADROS	xii
ÍNDICE DE FIGURAS	xiii
ÍNDICE DE TABELAS	xiii
1. INTRODUÇÃO	1
2. CAPÍTULO I – REVISÃO DE LITERATURA	7
2.1. Revendo o passado para compreender o presente: o que mudou na escola?	7
2.1.1. Visão de Nelson Pedro Silva	8
2.1.2. Visão Demerval Saviani	16
2.2. O que é ser ético	19
2.2.1. O professor e a ética	22
2.2.2. Ética - sonho ou realidade?	24
2.3. Entendendo o conflito	27
2.3.1. O conflito segundo alguns autores	30
2.3.2. Relação entre conflito e violência	32
2.3.2.2. Estimuladores de conflito e violência	35
2.4. As relações interpessoais: como estamos convivendo?	38
2.4.1. Resiliência e relações interpessoais	40
3. CAPÍTULO II - ESTUDO EMPÍRICO	43
3.1. Problema e Objetivos	43
3.1.1. Problema e sua justificção	43

3.1.2. Objetivos	44
3.2. Metodologia	45
3.3. Local de estudo e participantes	49
3.3.1. Local de estudo	49
3.3.2. Participantes	52
3.4. Técnica de recolha de dados	54
3.5. Técnicas de tratamento de dados	56
4. CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	59
4.1. Ética	59
4.1.1. Importância da escola	59
4.1.2. Conceituação da ética	61
4.1.3. Relação ética no ambiente de trabalho (estudo)	61
4.1.4. Reconhecimento das relações interpessoais	63
4.2. Conflito	64
4.2.1. Conceituação de conflito	64
4.2.2. Identificação dos conflitos comuns	64
4.2.3. Reconhecimento dos mediadores de conflito	65
4.2.4. Tratamento ético das relações	66
4.2.5. Identificação das estratégias usadas na mediação	67
4.2.6. Contributo da ética na mediação	69
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
APÊNDICES	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

REBES – Revista Brasileira de Educação e Saúde

DCNEB - Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

UERJ – Universidad do Estado do Rio de Janeiro

UFRS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNESP - Universidade Estadual Paulista

PI – Piauí

PUC – Pontifícia Universidade Católica – Campinas

FCSEA – Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração-
Universidade Lusófona

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

AIE – Aparelhos Ideológicos do Estado

MEC – Ministério da Educação e Cultura

SEEDUC/RJ – Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 01- Tipos do conflito-----	P.30
Quadro 02- Conflitos educacionais-----	P.31
Quadro 03- Fatores encontrados em pessoas resilientes-----	P.42
Quadro 04- Comunidade escolar interna-----	P.53
Quadro 05- Comunidade escolar externa-----	P.53
Quadro 06- Categorias e Subcategorias-----	P.58
Quadro 07- Expectativas sobre a escola: O que se espera da escola-----	P.60
Quadro 08- Conceituação de ética-----	P.61
Quadro 09- Ambiência escolar pautada por relacionamento ético-----	P.62
Quadro 10- Conceituação de relações interpessoais-----	P.63
Quadro 11- Conceituação de Conflito-----	P.64
Quadro 12- Conceituação de relações interpessoais-----	P.65
Quadro 13- Responsáveis pela mediação no ambiente escolar	P.65
Quadro 14- As pessoas no ambiente escolar agem com ética--	P.67

Quadro 15- Estratégias utilizadas para redução dos conflitos-- P.68

Quadro 16- A ética auxilia na mediação de conflito----- P.69

Quadro 17- Como a ética pode auxiliar na mediação----- P.70

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Vista da cidade de Iguaba Grande ----- P.49

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de Alunos por ano de escolaridade e por turno P.50

Tabela 2 – Profissionais em serviço na escola estudada ----- P.51

1. INTRODUÇÃO

A dimensão do relacionamento entre as pessoas no ambiente escolar, as medidas tomadas para gerenciar os conflitos coexistentes nas unidades de ensino, bem como a mediação e resolução desses mesmos problemas com a aplicabilidade ética ao convívio saudável entre os atores envolvidos é o que reflete a escolha pelo tema do nosso trabalho.

O referido convívio saudável no ambiente escolar tem-se tornado desafiador com situações que exigem cada vez mais esforços dos sujeitos dessa trama; são tantos os conflitos e medidas tomadas que vêm surgindo, a cada ano, e compulsivamente, entre as pessoas que trabalham e estudam, e onde são esperadas soluções absolutas e definitivas para os seus problemas.

Historicamente, à escola cabia a responsabilidade de transmitir conteúdos formais, conceitos estanques, que com o passar dos anos e o avanço tecnológico, grande parte desse conhecimento passou a ser questionado pelos profissionais que compõem a sua estrutura e pelos que por ela passaram, que sentindo-se sufocados e ao ingressarem no mercado de trabalho, não encontraram aplicabilidade a todo conhecimento adquirido. Aliado ao fator supracitado, havia a necessidade da escola assumir um novo papel na sociedade, uma vez que as famílias fazendo parte de um universo competitivo, consumista e capitalista precisavam se adequar às exigências do mercado e distanciava-se cada vez mais do núcleo familiar. E esses foram alguns dos aspectos que contribuíram para a modificação das relações no ambiente escolar e seu equilíbrio.

A partir desta óptica e da observação realizada ao longo de mais de vinte anos, entre o convívio da sala de aula à direção de unidade escolar, foi possível identificar a dificuldade das relações interpessoais, seja entre os adultos ou os jovens, que caminha para um ponto insustentável à preservação do ambiente saudável, sem atritos, com respeito e disciplina em nossas escolas. O que tem

vindo a dificultar esse processo, em grande parte é o fato das pessoas estarem se tornando reféns da incompreensão, ausência de diálogo, ou pelo menos têm-se distanciado do espírito altruísta que deveria ser prezado pela coletividade, nesse espaço escolar, leito da formação do caráter do indivíduo, aliado aos ensinamentos da família.

Além disso, outro aspecto relevante é a falta de ética que se tem tornado uma prática habitual (*habitus*). Pois, segundo Bourdieu (1983), estudioso, que na sua formação se empenhou na busca desse conceito, e nos revela após pesquisa realizada, numa abordagem sociológica acerca do tema, a categorização de *habitus*, “como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que integram todas, funcionando a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e ações às experiências passadas...” (p.65). De modo que, o que se nota é que as pessoas, diante das situações problema com as quais se deparam, acostumam-se a escolhas equivocadas, provavelmente, na maioria das vezes, por serem mais cômodas, para a resolução das questões, ou mesmo pela preservação da “ordem aparente” diante dos outros.

Conseqüentemente, refletir sobre os rumos da educação e a formação do indivíduo crítico nos dias atuais, representa um latente desafio para os educadores modernos, que se deparam com inúmeras situações de desrespeito, agressão, indisciplina, intransigência humana e violência, conforme citado anteriormente, apenas pelo fato de estar mais acessível (*habituado*) o ser violento, a ser compreensivo e tolerante. Também se vive-se atualmente tempos bastante complicados, em que a cultura popular está criticamente impulsionada a resolver suas questões de forma pontualmente negativa ou intolerante, ou seja, vivemos rodeados de conflitos. E nesse panorama, atentemos para o que afirma Claudius Ceccon (2009) "se conflitos, em si, são neutros, suas manifestações construtivas ou destrutivas dependem da forma como lidamos com eles." (p.31)

De acordo com a afirmação de Ceccon, podemos concluir que os conflitos existem e são inevitáveis. E ao considerar tal fato, há outro aspecto importante

a ser reforçado: o conceito de resiliência, que segundo Barbosa (2006), “pode ser considerado como uma combinação de fatores que propiciam ao ser humano condições para enfrentar e resolver problemas e adversidades.” Partindo desta reflexão, sobre o conceito de resiliência, nota-se que, o aspecto psicológico do indivíduo está intimamente ligado à capacidade que ele tem de lidar com problemas, superar obstáculos e resistir à pressão em situações adversas, sem entrar em surto psicológico. E é o que o presente trabalho se propõe, investigar a situação escolar sob a ótica de sua estrutura comportamental interna, no que diz respeito à adoção de parâmetros éticos que se associem à mediação de conflitos, nas relações interpessoais, no desenvolvimento das inúmeras circunstâncias vivenciadas, no ambiente escolar.

Ainda analisando o comportamento humano diante do ambiente escolar, Mosquera e Stobäus (2004) alertam que:

“Grande parte dos problemas que um docente enfrenta podem ser provenientes de um ambiente hostil, podendo este se tornar ainda mais hostil quando se trabalha com pessoas diversas” (p.93).

Ao ser iniciada a abordagem voltada para as relações que temperam o convívio no âmbito escolar, vale registrar que todas as relações coexistentes na escola são refletidas diretamente em seus atores, isto é, o aluno deve conviver harmoniosamente, com os outros para que a sua aprendizagem flua satisfatoriamente; o professor deve manter boas relações no trabalho para que o seu trabalho seja completo e o ato de ensinar prazeroso. Enfim, todos os envolvidos deveriam ser tratados com cordialidade e respeito para que se mantivesse o equilíbrio entre as relações interpessoais.

Contudo, categoricamente, não é o que tem acontecido nas nossas escolas. Pois não é tão simples aceitar o que é diferente no outro, e tão pouco conviver com essas diferenças entre as pessoas. E por conseguinte, essa dificuldade pode culminar em situações de violência.

Assim sendo, a relação de violência nas instituições escolares não é observada como um fato atual, ao contrário, é conhecida e reconhecida em todo o mundo. Considerando o que foi pontuado por Abramovay e Rua (2002):

“Em todo o mundo ocidental moderno, a ocorrência de violência nas escolas não é um fenômeno recente. Este, além de constituir um importante objeto de reflexão, tornou-se, antes de tudo, um grave problema social... Ademais, as escolas deixaram, de certa forma, de representar um local seguro e protegido para os alunos e perderam grande parte dos seus vínculos com a comunidade.”
(pág.31)

A literatura disponível revela-nos que a realidade das famílias mudou bastante nas últimas décadas e o presente trabalho pretende fazer uma conexão com a importância da ética e da mediação de conflitos no ambiente escolar, investigando a rotina escolar, o modo como os sujeitos envolvidos interagem e como se articulam nesse espaço de convivência e aprendizagem, de forma a minimizar as dificuldades existentes.

A partir do que foi dito, elaboramos a nossa questão de partida: Em que medida a aplicação da ética pode ser utilizada como recurso na mediação de conflitos das relações interpessoais em ambiente escolar? Dito de outra forma: Quais as possibilidades de aplicação da ética como recurso na mediação de conflitos e à prática pedagógica, como instrumento de superação de problemas para o equilíbrio saudável das relações interpessoais entre alunos e professores do ensino médio?

Estruturalmente, este trabalho está dividido em cinco partes: a Introdução; a Revisão da literatura (Quadro teórico legal); o Estudo empírico (Problema e Objetivos, Metodologia, Técnica de coleta e Tratamento de dados); a Análise e Discussão dos resultados e, por fim, as Considerações finais.

Após a Introdução, no capítulo I, é realizada uma reflexão histórica de como a educação caminhou para o quadro atual, identificando prováveis causas para a incidência dos problemas atravessados no espaço escolar, como a ideia de influência da família, o conceito de morte ou relativização dos valores morais,

divulgação distorcida do saber psicológico, a passagem de um modelo família centrado nos adultos, para o modelo centrado nas crianças, entre outros pontos. Para o desenvolvimento desse capítulo recorreremos a autores tais quais: Nelson Pedro Silva (2009), Demerval Saviani (2007), Mario Sérgio Cortella (2015), Nadja Hermann (2014), Mirian Grinspun (2014), Almiro Schulz (2008), Claudius Ceccon (2009), Álvaro Chrispino (2011), Eduard Vinyamata (2005), Moacyr Gadotti (1982), Mirian Abramovay (2002), Rosario Ortega (2002), e outros.

Quanto ao capítulo II, apresentamos e explicitamos detalhadamente a metodologia utilizada no desenvolvimento de toda investigação desde o tipo de pesquisa, o lócus, os participantes, os métodos utilizados para a recolha de dados, as técnicas de tratamento dos mesmos, o procedimento para análise de dados e os cuidados quanto à confiabilidade e validade do que se pretende estudar. E para a construção desse capítulo foram utilizados os seguintes autores: Gil (2008), Lakatos (2003), Minayo (2009), Bardin (2011), entre outros.

No terceiro capítulo, apresentamos a discussão dos resultados, tendo sido organizados em dez subcategorias: expectativas sobre a escola, conceituação da ética, conceituação do conflito, ambiência escolar e relacionamento ético, conceituação de relações interpessoais, conceituação de conflito, conflitos mais comuns na escola, responsáveis pela mediação de conflitos, identificação das estratégias utilizadas na mediação e o contributo da ética na mediação de conflitos.

O trabalho é concluído com as considerações finais, onde são feitas referências às descobertas que nos pareceram ser mais relevantes e nas quais procuramos responder aos objetivos traçados.

2. **CAPITULO I – REVISÃO DE LITERATURA**

2.1. **REVENDO O PASSADO PARA COMPREENDER O PRESENTE: O QUE MUDOU NA ESCOLA?**

O que se estuda dentro das salas de aula nem sempre tem sido o maior problema ou questão a ser resolvida pelos professores das escolas públicas. O que tem acontecido com a escola da atualidade? Como as pessoas têm-se relacionado mediante os problemas cotidianos? A preparação desses profissionais atualmente para gerenciar as relações entre alunos, pais, e uns com os outros, em relação às situações de conflito que se estabelecem nas diversas situações escolares que experimentam. Bem como, a realização dos alunos que frequentam o espaço escolar, estão satisfeitos com as atividades propostas? Tem sido ética a postura desses sujeitos, diante das situações vivenciadas no ambiente escolar? E como a característica violenta tem impedido de preservação e fruição da relação saudável entre as pessoas, no ambiente escolar?

Essas perguntas, como já foi dito anteriormente, são questões para essa investigação no espaço escolar, que visa abordar a temática da ética como recurso na mediação de conflitos, na tomada de atitudes, intervenção e diálogo saudável e indispensável às relações interpessoais.

2.1.1. Visão de Nelson Pedro Silva

Refletir sobre o que mudou na escola nas últimas décadas pode ser um ponto de partida para se compreender a situação que passamos atualmente, no panorama da educação.

Em primeiro plano, veremos as razões que podem ter culminado em vários conflitos existentes nos dias de hoje, originadas pela indisciplina e violência, segundo Silva (2009), que é um doutor psicólogo jovem que defende algumas razões que tentam justificar o aumento da indisciplina e violência nas escolas, e as subdivide em amplas e ligadas às políticas educacionais. Entre essas razões foram destacadas, segundo o autor: a diminuição da importância dos valores morais, a divulgação distorcida do saber psicológico, a passagem de um modelo de sociedade centrado no adulto, para um modelo centrado nas crianças e adolescentes, a situação política e econômica do país, a influência dos meios de comunicação de massa, aumento da violência real e virtual e a crise de valores.

Quanto à diminuição da importância dos valores morais, Rounet (1987) explica que esse processo de transição se deu devido a uma leitura errônea do movimento cultural oriundo dos Estados Unidos, conhecido como movimento da contracultura norte-americana, que visava revolucionar a vida a partir do festival de Woodstock e da experiência das comunas¹. O que acontecia nesse momento histórico era a troca dos valores morais pela manutenção dos conceitos de paz e amor.

Por outras palavras, os defensores dessa vida sem valores morais baseavam-se nos primeiros estudos freudianos sobre a repressão social que culmina em neuroses. Pois na época, muitas pessoas interpretavam erroneamente, o que

¹ No Brasil, a expressão "comuna" é uma forma popular usada para fazer referência ao comunismo, doutrina social que preconiza o princípio de organização econômica em que os meios de produção passam a ser propriedade pública.

trataria não da substituição, mas da exclusão de todos os valores morais, pelos mesmos representarem limites.

Como divulgação distorcida do saber psicológico, citemos Freud que em sua produção intelectual destacou que esse tipo de educação poderia trazer consequências desastrosas, uma delas seria a inércia de pais e educadores na imposição desses referidos limites. Nesse momento, os pais (classe média), não educavam seus filhos, em razão das chamadas neuroses² que poderiam ser desenvolvidas a partir do bloqueio da criança ou adolescente, e sem a condição da proibição, por conseguinte esses jovens tornavam-se rebeldes, indisciplinados e violentos, não se pode esquecer, entretanto dos castigos punitivos que também cabiam à escola, nesse mesmo período.

Então, como manter nossas crianças e jovens educados baseando-se em violência e punições tão severas, produzindo sujeitos violentos ou incapazes de lutar por seus direitos? Dessa maneira estaríamos a distanciar-nos do que, inclusive, atualmente, preconiza os DCN's (Diretrizes Curriculares Nacionais, 2013), que junto à LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira), alicerça e fundamenta, integralmente a educação brasileira, há alguns anos. Veja-se, o que retrata o parágrafo a seguir do DCN's (2013).

“A Educação Básica é um direito universal e alicerce indispensável para a capacidade de exercer em plenitude o direito à cidadania. É o tempo, o espaço, e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivoemocionais, socioemocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças. Liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional.” (p.17)

² Após anos de estudos, Freud supera essa teoria, contudo a mesma, continua a ser defendida por Reich (1987) e seguidores, que pautavam-se no fato de que as neuroses eram decorrentes da insatisfação sexual.

Nesse contexto, observando o panorama em que os nossos jovens se enquadram, sujeitos em formação e evolução constantes, para ratificar essa condição, destaca-se outro fragmento das DCN's que trata da função do Ensino Médio, que será nosso objeto de estudo em relação ao marco legal, e traz os seguintes termos,

“O Ensino Médio corporifica a concepção de trabalho e cidadania como base para a formação, configurando-se enquanto Educação Básica. A formação geral do estudante em torno dos fundamentos científico-tecnológicos, assim como sua qualificação para o trabalho, sustentam-se nos princípios estéticos, éticos e políticos que inspiram a Constituição Federal e a LDB.” (p.169)

E cita ainda quatro finalidades do Ensino Médio, enquanto etapa final da Educação Básica, dentre elas será destacada a que nos reflete maior interesse que é o aprimoramento do educando como pessoa humana incluindo formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

Em seguida, então surge a ideia do como estudar, ou seja, através de estudos como o de Emília Ferreiro (1985), (citada por Silva 2009) discípula de Piaget, que se preocupava em verificar como a criança reconstruía a escrita até sua alfabetização. Nessa altura, muitos interpretaram a teoria psicológica construtivista, surgida no período, de 1990, como um novo método de ensino, quando as crianças ficariam à vontade para aprenderem com um mínimo de interferência. Logo, o conceito piagetiano sofreu leituras totalmente equivocadas, que se distanciavam de seu conceito original.

Ademais, no que diz respeito à transição do modelo de sociedade em que o adulto era tido como o centro, para o modelo com foco nas crianças e adolescentes, La Taille (1996) e Calligaris dissertam sobre o fato de crianças estarem assumindo papéis importantes e paradoxais, respectivamente, em nossa sociedade. Destaquemos um trecho de La Taille (1998) (citado por Silva, 2009),

“A família antes organizada em função dos adultos, passa a ser organizada em função das crianças: sua autoestima já está dada pela própria idade que tem [...] os pais engatinham na frente dos filhos, brincam de negar as diferenças e de ser apenas amigos de suas progenituras, escondem seus valores com medo de contaminá-los, aceitam seus desejos por medo de frustrá-los. E o fato acaba por se repetir na escola. Troca-se Machado de Assis por Walt Disney, a Filosofia, pela discussão das crises existenciais, as ordens pelas negociações, a autoridade pela sedução. (p.52)

Adiante, analisando outro fator que acaba por influenciar segundo Silva (2009) na problemática da indisciplina e violência é a situação política e econômica do país que antes vivia um forte regime ditatorial e passa a um processo de redemocratização e a população, por conseguinte, reconquista os seus direitos civis e políticos, passando a “controlar” as suas vidas. Sobre esse novo processo nos basearemos na seguinte reflexão de Piaget, em Silva (2009):

“...que cada um, sem abandonar seu ponto de vista, e sem procurar suprimir suas crenças e seus sentimentos, que fazem dele um homem de carne e osso, vinculado a uma porção bem delimitada e bem viva do universo, aprenda a se situar no conjunto dos outros homens. Que cada perspectiva, como a única que conhece intimamente, mas compreenda a existência das outras perspectivas; que cada um compreenda sobretudo que a verdade, em todas as coisas, nunca se encontra pronta, mas é elaborada penosamente, graças à própria coordenação dessas perspectivas...” (p.58)

Nesse momento pseudo democrático o que se via eram pessoas que começaram a se frustrar com as ideologias partilhadas e aspiradas até então, entretanto mediante os desafios encontrados, na prática, elas se frustravam e revigoravam-se de um sentimento saudosista, o que é refletido nas escolas, lamentavelmente. Pois os estudantes sentindo-se livres, com o novo formato que se apresenta confundem o conceito de liberdade com libertinagem e não conseguem seguir, sentindo-se totalmente perdidos. Uma frase que ilustra bem esse novo aspecto de desorientação sentido pelos jovens em nossas

escolas é a seguinte de De La Botié (1982), “o escravo não o é apenas porque alguém o colocou nesse lugar. Ele o é porque deseja sê-lo.” (p.82)

Todavia, há outros fatores que estão intimamente ligados à postura dos nossos alunos em sala de aula, tais fatores referem-se à influência dos meios de comunicação de massa, bem como o aumento da violência real e virtual e a crise de valores. Em relação aos meios de comunicação de massa podemos afirmar categoricamente que esse desde a sua chegada vem se infiltrando nos seios familiares como mais um membro da família e se estabelecendo como merecedor de destaque e atenção exclusivos, o que vem sobressaindo às reais necessidades do ambiente familiar, gerando reflexos estarrecidamente marcantes entre os alunos dos diversos segmentos da educação básica, que são obrigados a conviver na maioria das vezes com programações assaz negativas e desagradáveis à sua formação. Para tanto destaca-se a fala de Silva (2009),

“O pior dano, todavia, não se refere ao conteúdo veiculado por tais meios. Na verdade, a meu ver, ele está no que tais agências provocam no centro organizador, selecionador e transformador das informações recebidas em conhecimentos – a estrutura cerebral que impede e/ou leva o sujeito a pensar de determinada maneira, semelhante ao hardware de um computador. (...) as crianças e adolescentes estão tendo suas cabeças “formatadas” para agir guiados por determinadas culturas.” (p.71)

No que tange o aumento da violência, este encontra-se intimamente ligado à questão da impunidade e aos fatores de status social e condição financeira. Sobretudo, a tudo o que está veiculado nos meios de comunicação, inclusive. Para ilustrar essa assertiva, uma expressão de La Taille (1998), citado por Silva (2009)

“As crianças e os adolescentes não são esponjas, ou seja, seres que absorvem toda a violência transmitida pelos meios de comunicação de massa. Eles são capazes de filtrar. O grande problema é o que o meio social, isto é, os pais e educadores, não estão oferecendo e estão sendo geradas situações potencialmente desequilibradoras a ponto de os pequenos não conseguirem

construir tais filtros ou, quando os constroem, eles são incompatíveis com o mundo civilizado.” (p.84)

Quanto às razões que referem-se às políticas educacionais, que influenciaram segundo Silva (2009), o aumento da indisciplina e violência enumeram-se: o aumento de vagas no ensino público, a falência das formas tradicionais de se impor disciplina, a crise em relação aos objetivos da educação formal, a formação profissional e as condições materiais e psíquicas para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem.

O autor explica que com o processo de expansão industrial³ que é iniciado no século XX, no período do governo de Getúlio Vargas e ampliado por Juscelino Kubitschek, na década de 40, a maior parte da população brasileira que vivia na zona rural, muda-se para os centros urbanos aspirando a possibilidade de adquirir status e condição social e com a perspectiva de crescimento e desenvolvimento humano por intermédio da educação; ocorre o que chamamos de êxodo rural. Tal processo de mudança, revelou que os professores não estavam aptos a se relacionarem com os diferentes pensares de seus alunos advindos de diferentes regiões do nosso país, tampouco de contribuir em sua formação educacional, principalmente tendo em vista pluralidade de culturas advindas de diversas partes. Esse fenômeno desencadeou uma consequência bastante maléfica que culminou na evasão e fracasso escolar. Em consequência quando julgava-se equivocadamente o aluno como não correspondendo aos anseios da escola ou em condições de atraso, transferia-se a responsabilidade pelo mesmo ao aluno e à família, quando na verdade é sabido que é dever da escola estar preparada para oferecer condições a toda e qualquer criança a se desenvolver e que a cada uma cabe um tempo diferenciado para se desenvolver suas habilidades.

³ Período de transição entre a produção de produtos artesanais para um momento de produção crescente priorizando e valorizando as máquinas como meios de trabalho e geração de emprego e a população passou a presenciar um constante crescimento econômico.

Outra causa que é fato, também contribuiu para o aumento da indisciplina e da violência entre nossas crianças e jovens, segundo Silva (2009), destaca-se a falência das formas tradicionais de se impor a disciplina: colocar de castigo, tirar o recreio, deixar a criança contra a parede, puxões de orelha, reguada, palmatória, etc. Eram formas de punição que geralmente surtiam efeitos contrários ao esperado, despertando entre os “culpados” apenas frustração e humilhação. E na fase adulta esse jovem ou criança, ao se tornar um chefe de família, apenas segue as regras sociais estabelecidas, mas na maioria das vezes fica bem distante da figura de um pai bom educador e é incapaz de lutar por seus direitos na sociedade, segundo a visão de Adorno & Horkheimer (1950), citados por Silva (2009), esses pais representam o modelo padrão de homem americano na década de 1950, que inclusive deve ser o nosso. Essa criança educada dentro desses moldes torna-se violenta e agressiva. É claro que isso não é uma regra, outros fatores externos influenciaram nisso, desde a intensidade em que essa criança foi submetida a esse tipo de castigo, ou a condição econômica e cultural em que está inserida, entre outros. Mas é inegável que tratamos com um grupo que culturalmente foi influenciado por essas práticas punitivas que ora gerou dissabores a muitos na infância e outras influências na vida adulta.

Para esclarecer a mesma linha de raciocínio, continuamos com a seguinte causa, a crise em relação aos objetivos da educação formal. Na década de 1970, o professor sabia claramente qual papel desempenhar nas escolas, ou seja, transmitir conteúdos pertinentes aos livros didáticos, seu material pedagógico, que consistia do conhecimento transmitido através da história da humanidade. E àqueles que não demonstravam condições de acompanhar o que era tratado, logo eram rotulados, colocados de lado, como pouco inteligentes, portadores de problemas neurológicos, indisciplinados. Isto é, formulávamos e por que não dizer que até hoje, formulamos conceitos equivocados do que conseguimos acompanhar entre nossos alunos. Porém, segundo Piaget (1972/1983), o desenvolvimento é produto da maturação orgânica (sistema nervoso central e endócrino), da experiência (interação com objetivos físicos), da interação social

(processo de escolarização e relações interpessoais) e da necessidade do organismo se adaptar aos meios físico e social (equilíbrio).

Resumindo, o professor é hoje o canal que possibilita ao aluno construção dos processos do conhecimento, visando seu desenvolvimento afetivo e cognitivo.

Quanto ao último fator responsável pela causa da indisciplina entre nossas crianças e jovens, Nelson Pedro Silva (2009) reservou a formação profissional e as condições materiais e psíquicas para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem. E destaca o que diz a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira-LDB LEI Nº 9634/96), acerca da obrigatoriedade de formação de ensino superior aos docentes, para o ensino das séries iniciais, o que não passa de uma simples ideologia. O fato é que muito do que se espera e planeja para esses profissionais não foi realizado. É claro que não cabe responsabilizar apenas autoridades pela ausência de apoio a esses profissionais; cabe também, por exemplo, ressaltar a falta de compromisso com a própria formação, falta de conhecimento psicológico para lidar com esses jovens e crianças que demandam olhar diferenciado, enfim a desmotivação pesa bastante nesse contexto. E segundo Silva (2009) “Estudos mostram que a probabilidade de ocorrência de atos violentos aumenta com superpopulação e com desconforto.” (p. 110)

E outro dado muito relevante é a saúde psíquica do professor que com todo esse quadro fica cada vez mais comprometida; levando-os à exaustão emocional, sofrimentos psíquicos, despersonalização e histeria. E de acordo com o estudioso Ladeia (2002), citado por Silva (2009), que declina-se sobre o estudo do fracasso escolar, essas são as principais razões para licenças médicas, afastamentos, readaptações e aposentadorias precoces entre os professores nos dias de hoje, que exaustos de tentarem combater a violência e conviverem com a falta de regras e limites entre nossos jovens adoecem e se afastam do trabalho para cuidar da saúde.

Após a visão de Nelson Pedro Silva, façamos a releitura do mesmo período, entretanto sob a ótica de um outro estudioso, o filósofo, Demerval Saviani.

2.1.2. Visão Demerval Saviani

Saviani (2007) ressalta estimativas em relação aos índices de semianalfabetismo ou analfabetismo funcional na década de 70, na maioria dos países da América Latina, Tedesco⁴, (1981) (citado por Saviani, 2007), destacando inclusive o alto nível de crianças em idade escolar e sem acesso à escola. É quando começa-se a estudar as teorias críticas e as não-críticas⁵ bem como também define o autor como Teorias Crítico-Reprodutivistas as que têm como função básica a reprodução da sociedade

Para Saviani, essas teorias seriam diferentes maneiras de explicar a educação e o meio social em que o homem vive, através das décadas. Entre as teorias não-críticas, destacam-se a pedagogia tradicional, a pedagogia nova e a tecnicista e entre as crítico-reprodutivistas, citemos, teoria do sistema de ensino como violência simbólica, teoria da escola como Aparelho Ideológico de Estado (AIE) e a teoria da escola dualista.

Na pedagogia tradicional os conhecidos “sistemas nacionais de ensino”, em meados do século XIX defendia-se o princípio de que a educação era direito de todos e dever do Estado. Momento esse em que era preciso vencer a barreira da ignorância e ascender ao status de democracia, quando os indivíduos são livres, porque são esclarecidos.

À essa teoria pedagógica, cabia ao professor ter a iniciativa, devendo estar bem preparado para aplicar lições e as escolas eram organizadas em classes. Entretanto, após críticas que surgiram no final do século XIX, iniciava-se uma nova crença pedagógica, que fora nomeada escolanovismo, e sua função na responsabilidade de equalização social.

⁴ São estimativas baseadas em dados que já reconhecem os primeiros grupos de crianças e jovens marginalizados por estarem fora da escola.

⁵ Nesse momento, Dermeval Saviani classifica as teorias baseando-se em seus objetivos. Enumerando como críticas, as teorias que buscam compreender a educação como influência da estrutura socioeconômica, e as não-críticas, as que definem a educação como algo independente e pretendem julgá-la como fenômeno isolado.

Nesse momento, para Saviani (2007) o conceito do que é “marginalizado, já não o é propriamente, o ignorante, mas o rejeitado.” (p.7). Assim, o processo educativo é visto como um instrumento que corrigiria a marginalidade, tão logo ajustaria os indivíduos à sociedade. Agora o professor é o ponto de estimulação e cabe ao aluno despertar, ter a iniciativa.

Contudo, também esse tipo de pedagogia, não conseguiu solucionar significativamente o perfil da escola, no entanto conseguiu gerar bons frutos a classe elitizada.

Ao findar a primeira metade do século XX, a escola nova dava sinais de desgaste, mas deixou bons frutos com as pedagogias de Freinet⁶ e Paulo Freire⁷. Adiante, com o cansaço da escola nova, surge a escola tecnicista, que tem como o seu núcleo, não mais o aluno, não mais o professor, mas, os meios, como se alcançariam os objetivos.

Ocorre que, não obstante descobre-se que seria mais uma teoria fadada ao fracasso, uma vez que reflete o processo de descontinuidade e e expande-se consideravelmente os níveis de evasão e repetência nas escolas.

Considera-se a partir desse momento as teorias crítico-reprodutivistas que surgem num momento de profunda reflexão social pois até então as teorias existentes não conseguiram minimizar a questão da desigualdade, ao contrário tornava-se cada vez mais expressivas e partidárias assim como o fazia, a sociedade.

A seguir, surge a teoria do sistema de ensino como violência simbólica, abordada na obra de Bourdieu e Passeron (1975), *A reprodução: elementos para uma teoria de ensino*, que Saviani (2007), cita de forma sintética:

⁶ Celestin Freinet acreditava na educação como construção coletiva e sua pedagogia baseava-se em quatro eixos do conhecimento, que eram o da cooperação como construção, comunicação como interação, documentação, como registro histórico e afetividade como conexão entre as pessoas e o conhecimento.

⁷ Paulo Freire, nascido em 1921, teve sua relevância teórica difundida mundialmente. Acreditava na alfabetização como instrumento de conscientização, capacitando e instrumentalizando os oprimidos através da leitura e escrita para capacitá-los para a libertação.

“A violência simbólica manifesta-se de múltiplas formas: formação de opinião pública pelos meios de comunicação de massa, jornais, etc.; pregação religiosa; atividade artística e literária; propaganda e moda; educação familiar etc. No entanto, na obra em questão, o objetivo de Bourdieu e Passeron é a ação pedagógica institucionalizada, isto é, o sistema escolar. Daí o subtítulo da obra.” (p.19)

Já, segundo a teoria da escola como Aparelho Ideológico de Estado (AIE), leva Althusser (1977), citado por Saviani, (2007) a distinguir o Estado dos Aparelhos Repressivos do Estado,

“Como AIE dominante, vale dizer que a escola constitui o instrumento mais acabado de reprodução das relações de produção de tipo capitalista. Para isso, ela toma a si todas as crianças de todas as classes sociais e inculca-lhes durante anos a fio de audiência obrigatória dos “saberes práticos” envolvidos na ideologia dominante.” (p.23)

E a teoria da escola Dualista, assim chamada por Saviani, e elaborada por Baudelot e Establet e exposta no livro *L’Ecole Capitaliste en France* (1971), os autores:

“[...] entendem que a escola vista como aparelho ideológico, é um instrumento da burguesia na luta ideológica contra o proletariado fica descartada. Uma vez que a ideologia proletária adquire sua forma acabada no seio das massas e organizações operárias, não se cogita de utilizar a escola como meio de elaborar e difundir a referida ideologia.” (Saviani, 2007, p.28)

Tendo como base todos esses elementos históricos, nos concentramos para iniciar nossos estudos sobre os reflexos da ética e mediação de conflitos no ambiente escolar. Iniciaremos com a primeira categoria que trata da ética e sua aplicabilidade na formação do indivíduo, no ambiente escolar.

2.2.O QUE É SER ÉTICO

Para falar em ética será destacada aqui uma frase de Mark Twain (1835 – 1910) que dizia que “ hábitos não são coisas que se jogam pela janela, você tem de pegar e empurrar pela escada degrau por degrau”. É com base nessa afirmativa, que se estabelece a relação entre a definição de hábito e o conceito de ética. Pois, o conceito de ética está intimamente ligado a nossas ações e hábitos quotidianos. E ao seguir essa linha de raciocínio, pode-se refletir sobre o mau hábito e que práticas nos conduzem a repetição do hábito (costumes). É o que se pretende demonstrar nesse item.

Dessa maneira, apresenta-se o estudo de Aristóteles, em *Ética a Nicômacos*⁸. Segundo Aristóteles, para construirmos um edifício deve-se antes conhecer e reconhecer o terreno, preparar o solo, verificar o tipo de material que será usado, preparar esse material, definir as alturas, os cômodos, enfim eis uma metáfora elaborada para conduzir a visão humana ao conceito filosófico do que é moral, que também deve ser explorado e estudado ao máximo desde as primeiras relações até a solidificação da natureza humana e a sua felicidade.

Partindo da premissa de análise do comportamento humano e a partir da observação de suas práticas repetitivas ou não, o indivíduo perpetua erros ou acertos. E para pensar no indivíduo ético, vale destacar a etimologia da palavra, que vem do grego, e significa segundo Vasquez (1987), “caráter, modo de ser, forma de viver, adquirida ou conquistada pelo homem.” Mas a análise deve ser feita cuidadosamente, a partir de exemplos: o primeiro deles, do próprio Vasquez (1987) que complementa “a ética não é moral e(...) não pode ser reduzida

⁸ Quando afirma “que a pólis, ou seja, o lugar onde se cristalizam as tradições e costumes, é anterior ao indivíduo, que a finalidade seja a mesma.” Ainda que a finalidade da cidade apareça de qualquer modo algo... Ética designa, antes de tudo, isso: acostumar-se ao ethos, aos costumes e valores vigentes na pólis ou comunidade, como diríamos hoje, atingir a verdadeira felicidade. (p.104)”

a um conjunto de normas e prescrições; sua missão é explicar a moral efetiva...A ética pode servir para fundamentar uma moral sem ser,(...)normativa.” (p. 13)

E para ampliar a reflexão portanto, pensa-se porque deve o conceito da ética, ser insofismável: para existir o convívio harmonioso e saudável entre o homem e os diferentes grupos sociais a que pertence, bem como é indispensável a organização e aplicação de regras para que as nossas práticas, pensamentos e valores se desdobrem de maneira a se constituir uma teia equilibrada de ações fundamentais a nossa convivência respeitosa, e portanto faz-se necessário expurgar todos os hábitos que se julgarem negativos ou que impeçam o bom fluxo da convivência salutar entre os homens.

Já o filósofo alemão Hans Jonas, apresenta o conceito de ética, associando-a como importante tema, que merece destaque pois pode ser identificada e desdobrada, atentando para seu uso voltado para à adequação tecnológica e à condição da não sobrevivência humana, dependendo do uso do avanço tecnológico, bem como seu uso com responsabilidade. Hans Jonas orienta para uma reflexão ética que se preocupa com a preservação do planeta e a aplica como dever de todos e cada um assumir essa tarefa. O autor tentou oferecer respostas aos dilemas contemporâneos, pelos quais o homem passa e por sua incansável convicção em realizar ações prejudiciais ao meio ambiente e a sua própria essência. Considera Hans Jonas a ética, a partir do imperativo categórico de Kant, “age de tal maneira que a máxima de sua ação torne-se universal”.

A sua preocupação declinou sobre o fator ambiental, e foi um dos primeiros pensadores a nos conduzir à reflexão de que o homem está se deteriorando e a sua casa (o planeta), e caso não repense suas práticas, direitos e deveres no intuito de redefinição crítica e sensata, acabará por transformar o planeta em pleno caos.

Um outro autor brasileiro que trata da questão ética de forma bastante clara e didática é Mario Sérgio Cortella, filósofo e escritor que engrandece nossa literatura; ele ressalta a importância de preparar os jovens para não sucumbirem no mundo atual, se deixando influenciar por maus exemplos e

adquirirem competência para conhecer as companhias decentes e traçar seus objetivos de vida. Portanto falaremos mais nesse autor e suas convicções em outro momento.

Há outros filósofos que abordam a temática ética com propriedade, envolvendo o conceito indissociável da alteridade que no latim representa alteritas, e significa constituir-se no outro; comecemos por Parmênides que se desvincula da visão cosmológica que se afinava aos gregos pós-socráticos e passa a se dedicar à ontologia, o estudo do ser. Nesse momento, Parmenides busca profundas reflexões entre o ser e o não-ser e carrega essas nomenclaturas de significação, julgando o ser como a afirmação de positividade e o não-ser, como sendo impregnado de negatividade. A partir daí, “se estabelece o princípio da não-contradição, base de toda a lógica ocidental, que de algum modo condicionará nosso modo de pensar” (Hermann, 2014, pp. 28 , 29)

Em seguida, temos Platão, que entra em choque com o que até então era tido como verdade absoluta e relaciona à dialética da não-identidade, pois não era correto, logo “agrega o que é ao que não é” (Platão citado por Hermann, 2014). Platão realiza o conhecido parricídio à Parmenides, pois entra em contradição de fato, com o que o pai da filosofia defendia, “Platão deixa antever que não há uma contraposição radical entre o uno e o outro, mas que geram aporias.” (p. 29)

Adiante, temos o posicionamento metafísico de Aristóteles que confirma que “o diverso não é negação do mesmo, enquanto diferença e diversidade são coisas distintas”(Aristóteles, citado por Hermann 2014, p. 402.)

Aristóteles assume o seguinte “...que o que possa ser dito de muitos modos, mas sempre em referência a um só princípio, pois algo não pode ser e não ser ao mesmo tempo, sob o mesmo aspecto.” (p.173)

Entretanto a ética atua num ponto diferente da metafísica que se aprofunda explicar teoricamente as questões que referem-se à essência das coisas, a ética se identifica com as ações e movimentos em que o outro é tanto semelhante quanto diferente. Logo, conclui:

“Assim, do mesmo modo como olhamos em um espelho quando queremos ver o nosso rosto, quando queremos conhecer a nós mesmos, nos reconhecemos olhando o amigo, pois o amigo é, como dissemos, um outro eu. Se, portanto, o conhecimento de si é um prazer que não é possível sem outro amigo, o homem autossuficiente terá a necessidade da amizade para conhecer a si mesmo.” (Aristóteles, citado por Hermann, 2014, p. 234)

Todavia, agora passaremos ao estudo da ética no ambiente escolar, que será o próximo alvo de estudo. Na tentativa de investigar a ética, como característica fundamental ao perfil do profissional de educação. E como esse mesmo profissional interage e se relaciona. E qual a contribuição e responsabilidade do professor para esse grupo social? Eis o que veremos a seguir.

2.2.1.O professor e a ética

Nesse panorama de investigação nos aprofundemos no ambiente escolar, onde será destacada a real responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande e valiosíssima. “Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos.” (Paulo Freire,2009, p.65). Considerando essa afirmação de Paulo Freire, deve-se permitir a reflexão sobre o que é ser ético? É não corromper-se, é ser correto sob qualquer circunstância? É declarar e praticar as verdades, mesmo em situações, em que aparentemente, elas não pareçam ser o mais acertado a ser feito?

Assim sendo, para pensar a respeito da figura do professor, elemento que provoca em seus alunos reflexões inquietantes, questionamentos profundos, e outros sentimentos diversos e divergentes, Freire (2009), ainda define ser autoridade ética como:

“...munir escolas, educandos, educadores e comunidades de linguagem crítica e esperança é a ética tarefa da autoridade docente e dos programas de formação de educadores; é caminho que possibilita a conceituação sistemática do mundo sonhado pelos envolvidos; é o que possibilita analisar as condições sociais e materiais em que sonhos, alegrias, esperanças e desejos são gerados acalentados, negados e roubados habilitando-se, inclusive à identificação dos negadores de sonhos.” (p.37)

De acordo, com Freire, a definição de ética reflete a possibilidade de alcançar cada vez mais altos e congruentes aos ideais que nossos jovens traçam, compartilhar responsabilidades entre todos os que cultivam e almejam a sociedade como um lugar mais justo, igualitário e feliz de se viver.

Ainda sob a dimensão da ética freiriana, é possível afirmar que esse conceito do que é ético, “não está presente apenas na competência do educador, mas também na sua maneira de fazer educação. Por isso, há o compromisso ético com sua formação e permanente qualificação como sujeito profissional, capaz de uma ação competente.” (Freire, p.55)

Quanto às responsabilidades, também é sabido que deve o educador, considerar o sonho negado de nossos jovens, e conhecê-lo um pouco melhor, para tentar compreender sua maneira de enxergar o mundo à sua volta, considerar os caminhos que percorreu até a formação de sua personalidade, e as convicções que o alimentam positiva ou negativamente, nutrindo sentimentos, valores e comportamentos que podem gerar reflexos irremediáveis ou não, que possivelmente o encaminharão para lastros e de responsabilidade até então desconhecidas, mas que tornam-se de fundamental esclarecimento para se compreender seu universo e tentar reduzir os prováveis conflitos, que possam ser gerados a partir desse ponto.

Segundo Cortella (2015), outros conceitos que costumam ser discutidos ao falarmos de ética, são o de política e cidadania, porque quando pensamos no primeiro, o julgamos como algo sujo, ligado à corrupção, e já a cidadania, a ideia de algo ligado à honestidade. Contudo, esse pensamento está intensamente equivocado, porque ambas são semelhantes e dizem respeito a fazer o bem em sociedade e para a mesma, permitindo a prática da identidade social e o

exercício da dignidade coletiva. E para o autor “a escola tem o dever de levar esse tema para o seu projeto pedagógico sem assumir viés partidário e sem, porém, inviabilizar o conhecimento das múltiplas posturas.” (p.54)

Entre várias considerações importantes, ressalta-se o fato de que a ética é sempre pela relação, agregar as pessoas, congregar entre elas, não segregar, separando-as da boa convivência e cordialidade, e para exemplificar claramente outra afirmação de Mario Sérgio Cortella (2015), quando diz que “casa podre não é aquela em que a parede está caindo, é aquela em que a ideia de convivência está sendo assassinada aos poucos, isto é, quando desagregamos ao invés de congregarmos.” (p.27). Isso é o que de fato tem sido respirado nas escolas, a vontade de ter meus anseios atendidos, não importando se essa solução afetar o outro de alguma maneira que o desagrade. E mais uma vez pode-se verificar a retomada do sentido do termo resiliência, já mencionado anteriormente, como um ponto de ação transformadora.

Outrossim, salientar a prática ética no ambiente escolar é o fator fundamental para resistirmos à violência e não nos deixarmos seduzir por ela, o que embaraça em demasia a nossa relação entre todos os envolvidos na escola.

2.2.2.Ética - sonho ou realidade?

Será que o conceito de ética é algo real e comum entre as pessoas e suas experiências, pensamentos e atitudes, ou não passa apenas de uma quimera que todos gostariam de compartilhar num mundo mais justo? Para responder a inquietações como essa destaca-se uma outra: “como o homem sabe o que é correto para si e para os outros? “Para responder a essa última questão, Hermann (2014) afirma que,

“Dizer o que é correto não é algo tão simples. Mesmo quando sabemos para nós, daí não decorre que saibamos para os outros. Além disso, uma retidão do agir ou do juízo moral não está disponível como se fora algo eterno – antes disso, é fruto de debate histórico e de longas lutas espirituais. A pergunta revela a dificuldade de darmos um conteúdo ao que se entende por correto. Essa dificuldade aparece por inteiro na ação pedagógica, na qual um educador media alguém no desenvolvimento de suas próprias capacidades [...] Ao realizar essa ação, o educador se envolve numa espécie de relação de poder, porque intervém sobre o outro e tem responsabilidade pela orientação valorativa com que conduz o processo, incluindo aí toda a amplitude de relações com o outro, desde sua negação até o reconhecimento”. (pág. 16).

Então a definição do que é correto para um, nem sempre estará de acordo ou correto para o outro, pois seguindo o conjunto de valores pertencentes a cada indivíduo, cada qual apresentará a sua verdade, e portanto, não há uma regra que se aplique a todos. E essa dificuldade de situar as normas em um determinado contexto, deve-se ao caráter excessivamente abstrato, incapaz de ser sensível às especificidades de cada circunstância e com dificuldades no reconhecimento do outro. E segundo Hermann (2014), como consequência a esse processo há uma paradoxal problemática que seria o fato de como criar uma atmosfera de aprendizagem comum incluindo os alunos num conceito de pluralidade, deixando brechas para formação de novas regras acolhendo o que é singular no outro. Como fundamentar uma educação que contemple tantas diferenças, pluralidades, singularidades? Seria no diálogo com o outro?

Outrora, reflete-se sobre uma das críticas realizadas por Foucault, Nietzsche e Adorno que entre outros filósofos destacam os limites da racionalidade e que por trás de uma pseudo aparência de emancipação moral, aperfeiçoe modernamente técnicas, as quais o sujeito é formatado. Adiante, ocorre que

“Na medida em que são expostos tais limites, reafirma-se cada vez mais o caráter excessivamente abstrato dos princípios universais, incapazes de articular a diferença e aquilo que escapa aos nossos processos de identificação porque na tradição moderna, a autoafirmação da subjetividade implica dominar a diferença e desconsiderar a alteridade. Assim, as questões éticas, a partir de

um princípio formal, tendem a descuidar do outro na sua situação concreta e na sua biografia.” (Hermann, 2014, p. 20)

Por isso é tão difícil para muitos vislumbrar o que significa ética, pois a concepção de um pode estar bem distante do outro.

De acordo com Gadamer (1999), (citado por Hermann 2014) o modo como nos experimentamos uns aos outros e como experimentamos as tradições históricas e as condições naturais de nossa existência e de nosso mundo, é o que permite o diálogo e o contato do eu com o outro, abrindo-se à alteridade, provocando uma ampliação e abertura de novos horizontes, o que nos permite alterar vocabulários e crenças. A posição de Gadamer é contrária àqueles que não acreditam no poder do diálogo, pois pertenceríamos a culturas diferentes em que os jogos de linguagem são incomensuráveis Wittgenstein (1994), (citado por Hermann 2014). Essa proposta revela que a cultura do diálogo, vai de encontro a teses relevantes para a educação, como a constituição dialógica da mente humana, defendida por Meud e Habermas, ambos também citados por Hermann (2014) que reflete o seguinte:

“ [...] aprendemos todos os modos de expressão com os outros, inclusive nossa própria identidade. Por isso, a alteridade e o movimento de aproximação ao outro – o diálogo e a experiência estética – constituem um tema decisivo para a ética em educação.” (p.25)

Isso só será possível porque para nos tornarmos éticos, esse é um processo que transborda alteridade, uma vez que a construção do “eu” só é possível porque eu me espelho no outro. Logo, se eu vivo rodeado de valores pautados em ética, provavelmente eu também serei ético, o que não significa que obrigatoriamente eu o deva ser.

Para dar segmento aos objetivos da nossa investigação, adiante nos debruçaremos sobre estudos da nossa próxima categoria que é o conflito e seus desdobramentos.

2.3. ENTENDENDO O CONFLITO

Para ampliar o conceito e aprofundar a análise, segundo o dicionário Houaiss (2001) define-se conflito como:

“...profunda falta de entendimento entre duas ou mais partes; choque, enfrentamento; discussão acalorada; altercação; aquele que ocorre quando dois ou mais indivíduos têm interesse sobre o mesmo objeto, do que pode resultar uma ação judicial entre pessoas de direito privado” (p.727)

Segundo conceitos do dicionário, conflito assim como outras palavras tem várias definições. Mas na verdade, é um conceito macro que se identifica e se encaixa perfeitamente na atual civilização em vários segmentos. Um termo particular que possibilita múltiplas interpretações, segundo Morgado & Oliveira, 2009 (p. 13).

“O conflito é tomado como uma dimensão natural e inevitável da existência humana que, se for conduzido eficazmente, pode constituir uma importante experiência de desenvolvimento pessoal.”

Vejamos o que diz Chrispino e Chrispino (2011):

“O conflito é o nosso companheiro de jornada mais próximo. É parte integrante da vida e da atividade social. O conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e aspirações. Percebe-se que não existe aqui a noção estrita de erro e de acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes.” (pp. 30 e 31)

Embora represente grande possibilidade de crescimento, o conflito ainda tem uma denotação negativa, em nosso meio social. O que poderia ser desmistificado como uma fonte de descobertas, oportunidades de mudanças, de despertar para o outro e para a convivalidade saudável. A prática da

mediação de conflitos que não foi pensada para o ambiente escolar, surgiu há algumas décadas no continente americano. Os meios alternativos de resolução de conflitos, vulgarmente designados por ADR (Alternative Dispute Resolution), surgiram na década de 70 nos Estados Unidos da América e englobam, entre outros, a mediação, a negociação, a arbitragem e a conciliação.

Em Portugal estes meios, cuja implementação teve início nos anos 90, vão sendo identificados como RAC ou RAL (Resolução Alternativa de Conflitos ou Litígios). (Morgado, 2009, p.44)

Esse estilo vem se afirmando e consolidando como uma modalidade de intervenção social para contribuir com a qualidade de vida, foi rapidamente adaptada para diversos países e serviu como a possibilidade de encontrar saídas mais inteligentes para os problemas existentes entre alunos e alunos, professores e professores, alunos e professores, isto é, para todo o grupo escolar interno e externo. Segundo Jares, citado por Morgado (2009),

“A construção de uma cultura de paz assenta no respeito pela diferença e pela diversidade, na promoção das diferentes criações culturais dos indivíduos e dos povos.” (p.46)

Enfrentar e desafiar situações de desacordos e ou brigas não equivale, no entanto, a um processo destrutivo. Diz Pallarés (1983) (citado por Morgado 2009) “o conflito em si não é mau, embora as pessoas lhe possam dar respostas que assumem formas prejudiciais” (p.47).

Por conseguinte, a chave não está na eliminação do conflito, mas sim na sua regulação, solução justa e não violenta. Trata-se de utilizar os meios adequados, enfatizando as estratégias de resolução pacífica e criativa do mesmo, que faz a todos os seus integrantes perceberem o seu entorno de forma mais inteligente, produtiva e pacífica.

Alimentar-se diariamente de situações conflituosas e conflitantes tem sido um hábito, atualmente, em todas as áreas da vida humana, contudo o necessário e indispensável é despertar e desenvolver entre os jovens, pais e responsáveis, bem como profissionais da educação de nossas escolas, o

costume de que os problemas existirão sempre e que a compreensão desse fato é imprescindível para que as gerações futuras consigam desenvolver seus relacionamentos firmes e alicerçados na consciência crítica e no espírito de cooperação, solidariedade e respeito às diferenças entre todos. A exemplo dessa temática, identifica-se o projeto de Garcia Costoya, (2004) (citado por Morgado 2009) que desenvolveu o “Programa Nacional de Mediación Escolar” que detalha etapas que vão desde a identificação das necessidades à avaliação do projeto.

Nesse sentido, todos os caminhos a serem seguidos nos impulsionam ao diálogo, como o canal mais importante entre os diferentes sujeitos que frequentam a escola. Sabendo-se que onde existe diversidade, movimento e diálogo, existe conflito; e através dessa potencialidade será possível transformar o exercício da mediação, em uma ferramenta de extrema funcionalidade para a condução das diferenciadas problematizações que acometem esses grupos. Para desenvolvê-lo com maturidade e sabedoria devem ser dosados vários elementos que despertem nos envolvidos, reflexões sobre as prováveis razões que os levaram ao desentendimento, o porquê de se manterem nele, depois de identificadas as origens e a disposição adotada para se dirimir as prováveis desavenças que desse problema foram advindas e, sobretudo a reflexão de manter-se ou não dentro do problema, após identificação e reconhecimento de todas as etapas anteriores.

A criação de regras de convivência é um sólido aliado na elaboração de conceitos e tomadas de decisão e balizamento de condutas que fortalece o código de ética existente entre determinado grupo. Com base nesse dado, a falta de comunicação ou comunicação ineficiente, como dito anteriormente, entre as pessoas da escola, pode contaminar relações, impossibilitando a criação de vínculos positivos entre os agentes do processo dessa convivência harmônica.

E, segundo Ceccon (2009), o equilíbrio se rompe, quando as necessidades básicas dos indivíduos de se sentirem autônomos e competentes no processo não estão sendo atendidas. (p.62)

2.3.1.O conflito segundo alguns autores

Investigar e desvendar a temática da mediação de conflitos e com a dose de ética essencial ao equilíbrio nas relações escolares e extraescolares inclusive, reflete alguns vieses que apresentam diferentes olhares sobre esse assunto.

Um exemplo claro desse fato é o que diz Chrispino, (2011) quando afirma que a formação de opinião sobre a escola e a juventude, exclusivamente pelas manchetes de jornais e televisão resulta numa visão por ângulos restritos da realidade educacional. E destaca também exemplos de conflitos com rompimento de paradigma, conforme **Quadro 01** a seguir

AUTOR	TIPO DE CONFLITO	PROCESSO RESULTANTE	SÍNTESE
<i>FREUD</i> ⁹	Conflito entre desejo e proibição	Repressão e defesa	Luta pelo dever
<i>DARWIN</i> ¹⁰	Conflito entre o sujeito e o meio	Diferenciação e adaptação	Luta por existir
<i>MARX</i> ¹¹	Conflito entre classes sociais	Extratificação social; hierarquia	Luta pela igualdade
<i>PIAGET</i> ¹²	Conflito nas decisões e experiências	Aprendizagem-resolução de problemas	Luta por ser

Quadro 1 – Tipos do conflito

(Fonte: Chrispino, 2011)

⁹ O conceito de conflito psíquico é introduzido na obra freudiana em estreita relação com o processo de defesa. À medida que avança no tratamento das neuroses, Freud observa uma crescente resistência, a qual é entendida como a expressão de uma defesa intra-subjetiva contra representações inconciliáveis

¹⁰ A teoria de Charles R. Darwin diz que espécies existentes surgiram a partir de ancestrais comuns podendo sofrer alterações ao longo do tempo, sendo a seleção natural o principal agente sobre as variações individuais. Assim, as variações favoráveis à manutenção da espécie tenderiam a se manter, enquanto as desfavoráveis tenderiam a desaparecer.

¹¹ O marxismo é uma teoria voltada para a ação; estabelece a indispensabilidade de uma ruptura com o capitalismo rumo a adoção de um sistema político-econômico mais generoso, que rompa com as desigualdades sociais.

¹² Para Piaget o sujeito está adaptado, ou seja, em equilíbrio, quando os dois processos estão em harmonia, ocorrendo simultaneamente tanto a assimilação quanto a acomodação. Por outro lado, o desequilíbrio seria provocado quando o sujeito, passando por uma experiência em que sua lógica não pudesse dar conta da realidade, ele se veria obrigado a reformular suas estruturas cognitivas para a apreensão do novo.

Essas caracterizações refletem os diferentes tipos de comportamento de acordo com os autores supracitados. Em tempo, deve ser exaltada a importância que esses renomados teóricos tiveram cada um deles, no período histórico e contexto sociocultural a que pertenceram, e, quão importante foram suas contribuições para o auxílio na condução clara do processo evolutivo da história comportamental humana. Contudo, estudos de autores mais recentes retratam a ideia de conflito de forma atualizada e contextualizada com nossa época, mas se complementam entre si.

Um deles, é o de Martinez Zampa (2005) que caracteriza os conflitos educacionais de acordo com o **Quadro 02**:

Conflito em torno da pluralidade de pertencimento:	surge quando o docente faz parte de diferentes estabelecimentos de ensino ou mesmo de níveis diferentes de ensino
Conflito para operacionalizar o projeto educativo:	surge porque, no momento de executar o projeto institucional, surgem divergências nos âmbitos de planejamento, execução e avaliação, levando a direção a lançar mão de processos de coalizão, adesões, etc.
Conflito entre as autoridades formal e funcional:	surge quando não há coincidência entre a figura da autoridade formal (diretor) e da autoridade funcional (líder situacional)

Quadro 2 – Conflitos Eduacionais

(Fonte: Crispino, 2011)

Essa última classificação, de Zampa, delimita os sujeitos do sistema escolar participativos e responsáveis pelas ações e projetos educativos que exercem liderança na condução do procedimento e prática pedagógica. De acordo com suas funções, as responsabilidades e papéis assumidos entre os seus fazeres, é ressaltada na importância, na condução de uma provável mediação de conflito, na qual se faça essencial a comunicação eficaz, como uma das principais ferramentas de harmonização das relações.

2.3.2. Relação entre conflito e violência

Falar em conflito e não citar a violência seria incoerente, não pelo fato de ambos serem sinônimos, pelo contrário, são fenômenos distintos, ou seja, enquanto o primeiro refere-se à condição de ideias ou pensamentos adversos, que as pessoas podem apresentar entre si, a violência está intimamente ligada ao fato de se propor resolver as questões conflitantes de maneira intempestiva, agindo pois, com violência. John Burton (1996), (citado por Vinyamata 2005), comenta a respeito dessa diferença, ele categoriza conflito como “sendo a interação de duas partes que tem propósitos incompatíveis, enquanto a violência é o uso da força por uma ou ambas as partes na resolução do conflito.” (p. 102).

2.3.2.1. Violência

Para efetiva análise do termo violência há inúmeros autores que discorrem sobre o conceito, e existem concepções bem interessantes do termo que, segundo Chesnais (1981), (citado por Abramovay 2002), devem ser hierarquizados de acordo com seu custo social. Ele afirma, inclusive que:

“os franceses se identificam tão intimamente com seu patrimônio e seus bens, que muitas vezes, reagem mais intensamente quando esses são violados do que quando a sua própria pessoa sofre violência. Daí esta tendência de atribuir a violência uma conotação econômica, confundindo-se com delinquência.” (p.68)

Segundo Vinyamata (2005),

“Violência é tudo aquilo que possa representar ou significar prejuízo, produzir por efeito ou falha um mal a outro, a si mesmo ou ao meio; seja realizado consciente ou inconscientemente [...] Para prejudicar outra pessoa já sabemos que é necessário agir, mas às vezes se conseguem resultados iguais ou superiores, mentindo, fugindo ou adotando atitude passiva.” (p. 77)

De acordo com essa perspectiva, Vinyamata (2005), resolve violência como um conjunto de elementos dos quais podemos expressar e sentirmos ou não responsabilidades pois até mesmo nos calando estamos agindo com violência. Sendo assim, esse estado violento destroça e abrange inúmeras facetas sobre o ser humano que vive em meio a situações que se revelam violentas e perigosas, diariamente. O autor explica também que a violência em nossas escolas seria justificada após os atores envolvidos em nosso meio social, estarem seguindo influências do sistema de normas e valores da sociedade, dos quais fazem parte; e que por isso estamos presenciando nossos alunos serem socializados com antivalores, como injustiça, maus tratos, ausência de generosidade, o que vem a culminar na intolerância humana.

Já para Bernard Charlot (2002) (citado por Abramovay 2002) definir violência escolar não é tarefa fácil porque este conceito compreende fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e ordenar, principalmente

“desestrutura as representações sociais que tem valor fundador: aquela da infância (inocência), o da escola (refúgio da paz) e a da própria sociedade (pacificada no regime democrático).”(p.69)

Isso realmente acontece, porque o que representa violência para unidade escolar, para outra pode não ter a mesma significação e vice-versa.

Então, em sua investigação, Charlot (2002) (citado por Abramovay 2002) identifica o conceito de violência classificando-o entre níveis:

- a) violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- b) incivildades: humilhações, falta de respeito e palavras grosseiras;
- c) violência institucional ou simbólica: o ensino como desprazer, a falta de sentido em permanecer na escola, as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho, a obrigação de suportar a indiferença e absenteísmo dos alunos, entre outros fatores que dizimam a possibilidade de melhores perspectivas entre a escola e as aspirações de seu público." (p. 69)

Charlot, conclui afirmando que "se a agressão física ou psicológica aparecem mais espetacularmente, são as incivildades que apresentam a maior ameaça ao sistema escolar". (p.69)

Uma outra visão é a da pesquisadora Ortega (2002), que partindo de trabalhos realizados na Espanha, observou que o tema violência apresenta uma determinada **ambivalência moral** principalmente no que diz respeito a crianças e jovens, com a expressão violência escolar provocando uma rejeição que é acentuada nos anos 90.

A violência é um mal social e hoje necessita que se criem meios para se superar esse fenômeno, não apenas nas escolas, como em todo meio social. E Ortega em seu estudo prevê e planeja atividades, de combate à violência com atividades que envolvam toda a comunidade escolar, se preocupando em ouvir mais os professores, elaborando planejamentos direcionados para implementar discussões e estratégias pacíficas de se mediar os conflitos, entre outros. Nesse processo, a autora tenta sensibilizar os envolvidos, desenvolvendo um projeto para reforçar a convivência entre as pessoas.

2.3.2.2. Estimuladores de conflito e violência

Com o intuito de expandirmos os estudos sobre as diferentes interferências que derivam na indisciplina e na falta de ética, um ponto que contribui em demasia com a violência, é o álcool e o uso de outras drogas que agregam distúrbios de comportamento sérios ao perfil de nossos adultos e jovens. De acordo com Abramovay (2002), em sua pesquisa sobre escolas em diferentes regiões brasileiras:

“O acesso a bebidas alcoólicas é reconhecidamente um motivador da violência. Em 63% das escolas observadas verificou-se que os alunos frequentam bares ou botequins próximos às escolas, algumas vezes desviando do seu trajeto e faltando às aulas. Esses estabelecimentos são frequentados por grupos ou turmas que, quando consomem bebidas alcoólicas, podem se envolver em práticas violentas.” (p.103)

Ao ponto em que vários estudos são realizados para alcance da compreensão sobre a origem da indisciplina, identifica-se também um aumento e desvio nos conceitos de liberdade e democracia que são associados a ausência de limites e ao excesso de libertinagem.

Seguindo adiante, um outro fator que pode ser destacado, diz respeito ao período do golpe de 1964, quando grande parte da sociedade sentindo-se sufocada pelo regime da ditadura militar, buscava no conceito de democracia, uma alternativa ao sistema de vida, o que não se pode negar que com o crescimento de simpatizantes do pensamento democrático, a sociedade da época reage buscando outra forma de viver; o que se torna altamente nocivo a pais e professores, que em grande parte constatam que o estabelecimento das relações democráticas com os alunos, é algo que não funcionaria, ou seja, seria uma quimera, segundo Nelson Pedro Silva (2009).

Em seguida ocorre que além da recente democracia, estão claras as consequências provocadas pela crise econômica, dentre elas a perda do poder

aquisitivo estar intimamente ligada à derivação do aumento de indisciplina e violência nas escolas.

E na sequência fica também comprometida a ética, tendo em vista que as pessoas atravessando o período de crise, não conseguem honrar seus compromissos, o que até o momento era uma premissa, passa a ser um fator preocupante, pois tornar-se-ia comum o fato de os adultos assumirem determinada responsabilidade monetária e não conseguirem pagá-la. Esse ponto aliás, é um fato bastante recente, pois a geração atual convive com este tipo de exemplo até o presente momento.

Uma outra questão que vem contribuindo para o aumento da indisciplina e conseqüentemente corrobora para ausência de ética em algumas situações, é a inércia dos pais e educadores na imposição ou estabelecimento de limites, o que é o reflexo de uma sociedade produtora de sofrimentos psíquicos, segundo Marcuse e Reich citados por Silva (2009). Ainda sobre o assunto, Silva (2009), complementa,

“A fim de acabar com o referido sofrimento, deve-se combater, sem tréguas, qualquer moral, pois, em última análise, ela impede a concretização da vida. Com isso, vários pais e mesmo educadores se consideraram no direito de não impor limite (leia-se: educar), a fim de preservarem a felicidade dos filhos e dos alunos.”(pág. 36)

Ainda sobre esse assunto acrescentemos a visão de Paulo Freire (1996), sobre ensinar,

“...às vezes a coragem de querer bem aos educandos e à prática educativa de que participo...Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la...O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade.Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele.” (p.141)

No exercício constante da prática educativa, sabe-se que ocorrem muitas situações, nas quais são atribuídos valores, pesos às questões que se pretende

solucionar, tomando-se uma postura tendenciosa, não somente quanto à avaliação de um professor, de modo isolado, como quando se pretende diluir um conflito existente entre colegas ou alunos que em nosso convívio sejam atribuídos valores distintos desde o grau de conhecimento de que temos uns dos outros, até a forma como nos tratam. E isso pode refletir uma enorme injustiça, aliada à falta de ética de que não se pode dissociar na mediação de conflitos.

Atualmente também podemos confirmar que através de observação que o aumento das atitudes violentas pode ter maior peso e incidências em consonância com o que é produzido nos meios virtuais e reais que tem exaltado, exaustivamente, relatos e episódios espetaculosos de agressividade e violência que nos reportam à impunidade como consequência evidente, já que veículos de comunicação têm colaborado bastante para esse fenômeno se alastrar e se difundir nos lares de nossos jovens e em nossas escolas, quase que com um mensagem subentendida de que por quê ser ético e agir corretamente se só vivem bem os que não seguem os “padrões morais”?

Com tantas transformações refletidas na vivência cotidiana de crianças, jovens e adultos, não esqueçamos dos valores que somados aos demais fatores dos quais não podemos nos dissociar, tornam a vida em sociedade, simplesmente difícil e de convivência insuportável, pois se considerarmos o acúmulo de razões que tem favorecido o alto índice de violência em nossas escolas, devemos pesar o fato de, na atualidade, os valores éticos terem se tornado esquecidos e impraticados, e por que não dizer “quase obsoletos”. Analisando todos esses conceitos e procedimentos pensemos na seguinte questão: por que a violência está presente em todos os ambientes? Marca-se nesse ponto, um dilema que muitos gostariam, não apenas de resolver, como jamais imaginar a escola como um ambiente violento. Então nos voltemos ao nosso próximo ponto de estudo: as relações interpessoais, para tentarmos entender mais um pouco o que está acontecendo?

2.4. AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS: COMO ESTAMOS CONVIVENDO?

Bem, estamos vendo que a escola está realmente diferente de pouco tempo atrás. Um fato importante a ser considerado na importância de mantermos as relações saudáveis entre as pessoas no ambiente escolar é que quando nos sentimos amados, quando sentimos que outros se importam conosco, nos sentimos mais seguros e felizes. Para Gordon Allport (1954) (citado por Ceccon, 2009 p.60), no livro *A natureza do preconceito*, que é uma das formas de se estremecerem as relações entre as pessoas, ele esclarece que a convivência entre as pessoas pode ser amigável ou hostil. Para a de natureza amigável, ele detalha características como cooperação, simpatia, respeito e tolerância. E para a convivência ou relação hostil, o autor afirma fazerem parte o preconceito, a antipatia, a discriminação e também inclui a figura do “bode expiatório”. Allport afirma ainda que se não houver entre as primeiras estremecidas da relação uma voz de pulso que direcione o indivíduo à razão, nesse momento em diante estará aberto o caminho para o preconceito e outras ações hostis que ferem o padrão harmonioso de convivência entre as pessoas.

Um outro processo que é desencadeado quando permitimos que essas relações hostis prevaleçam entre os alunos, é o bullying, que é quando há uma forma de intimidação por parte de um aluno ou grupo de alunos a outro de maneira a desencadear violência física ou psicológica.

Nos tempos de hoje, tudo isso se transformou num pesadelo que é enfrentado por alunos, responsáveis (pais), professores e outros profissionais da escola que vivenciam experiências terríveis diariamente com situações de injustiça.

Saindo um pouco do panorama escolar para dimensionar o que está acontecendo reconhecamos que um ponto que pode e está contribuindo para que jovens e adultos pratiquem ações negativas sem limites, de forma indevida é a impunidade, que inclusive cria raízes fecundas rapidamente quando não temos leis severas que punam e enquadrem os corruptores, inibindo atos de

injustiça tão comuns, atualmente. E esse tipo de realidade está presente nos jornais, nos telejornais, no rádio, na internet...e como não vivemos numa bolha, isto é, em isolamento, também nas escolas.

Analisando friamente a situação, uma das maiores falhas a ser identificada é a comunicação, ou melhor, a falta dela nas relações, a falta de comunicação familiar, entre marido e esposa que estão cansados por trabalharem demais e não se tocam, quase não se reconhecem, entre pais e filhos que quase não se encontram, mesmo estando sob o mesmo teto diversas vezes, estão se comunicando com outros de outras formas, comunicação entre família e escola que identificando um problema, às vezes simples, não se preocupa em aprofundar ou diagnosticar o foco do problema, comunicação falha também entre os próprios profissionais da escola que também se distanciam uns dos outros verdadeiramente por qualquer ruído na comunicação que fora distorcida...Enfim as relações estão adoecidas por diversas razões, mas principalmente porque quando se abre um buraco sob os pés das pessoas, no lugar de construir pontes, as pessoas optam por dar meia volta e mudar de caminho. E para ilustrar um pouco a respeito dessa comunicação, destaca-se aqui um trecho do livro de Paulo Freire *Pedagogia do Oprimido* (2013), em que o autor fala do que ele entende do diálogo, objeto de equilíbrio tão almejado nas relações interpessoais:

“A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo, pronunciado por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles um novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação e reflexão.”¹³

¹³ Freire, P., *a Pedagogia do Oprimido* (2013) - 1ª edição- Rio de Janeiro, Paz e Terra recurso digital (sem página) <https://books.google.pt> acedido em 6 de dezembro de 2016

Sendo assim, de acordo com a fala de Freire os homens, adultos, jovens, todos, devem se apropriar das palavras, do diálogo, da comunicação para ampliarem seu campo visual, social, cultural e construir relações de amizade, relações de trabalho, por fim, relações saudáveis que o equilibrem e tragam prazer na difícil arte de conviver.

Assim sendo, deve-se dar atenção especial ao conceito de resiliência que nos auxiliará a compreender melhor a capacidade que o outro tem de ao passar por situações de dificuldade, se adaptar às mesmas. Conceito esse que passaremos a explicar no ponto que se segue.

2.4.1. Resiliência e relações interpessoais

O conceito de resiliência é bastante novo nas Ciências Sociais e Humanas, e originou-se da Física e da Engenharia, pode-se representar que “um material é denominado resiliente quando a energia de deformação máxima que ele é capaz de armazenar não gera nele deformações permanentes.” No entanto o termo que agora se aplica às várias áreas e num contexto mais amplo, significa, para Grotberb (1995) (citado por Mota, Benevides-Pereira, Gomes & Araújo, 2006),

“A resiliência pode ser definida como uma capacidade universal que possibilita a pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das adversidades, inclusive saindo dessas situações fortalecida ou até mesmo transformada, porém não ilesa.” (p. 58).

Para a psicologia esse conceito é mais complexo. Um dos primeiros autores a tratar resiliência, no novo contexto, foi Frederic Flach, em 1966, que acreditava que o indivíduo se tornava resiliente à medida que sua habilidade de reconhecer a dor pela qual está passando, era percebida e qual o sentindo que ela tinha, para ser tolerada durante um tempo até que fosse capaz de

resolver esse conflito de forma construtiva. E para Flach (1991) a característica resiliente está ligada, não apenas ao psicológico, como também ao físico e fisiológico.

No Brasil, esse conceito fora abordado entre 1996 e 1998, segundo estudos organizados por Souza & Cerveny, em 2006, para abordagens a executivos e crianças expostas a situações de risco, com vulnerabilidade psicossocial e fatores de proteção. Atualmente o termo compreende tratamentos a funcionários ligados a área automotiva (Cimbalista, 2006), à espiritualidade (JaramilloVélez, Ospina-Muñoz, Cabarcas-Iglesias & Humphereys, 2005), transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (Regalla, Guilherme & Serra-Pinheiro, 2007), e professores (Howard & Johnson, 2004).

Ressalta-se inclusive, que a resiliência não pode ser considerada como um escudo protetor, segundo Barreira & Nakamura, não se deve dizer que “fulano é resiliente”, mas sim que “fulano está resiliente”, como de fato o é um quadro transitório, dinâmico, em que as pessoas se relacionam de maneira mútua e optam por tomar decisões de acordo com contexto. Para esses autores, ou seja, Barreira & Nakamura (2006):

“Pessoas resilientes apresentam características básicas como: autoestima positiva, habilidades de dar e receber em relações humanas, disciplina, responsabilidade, receptividade, interesse, tolerância ao sofrimento e muitas outras.” P.75

Um quadro categorizado por Grotberg (2005), que identifica fatores resilientes e pode esclarecer bastante como a resiliência pode contribuir com a ética e mediação de conflitos direta ou indiretamente, é o **Quadro 03** na página seguinte:

Eu tenho:	Eu posso:
Pessoas do entorno em que confiam e que me querem incondicionalmente	Falar sobre coisas que me assustam ou inquietam;
Pessoas que me põem limites para que eu aprenda a evitar os perigos ou problemas	Procurar a maneira de resolver os problemas;
Pessoas que me mostram, por meio de sua conduta, a forma correta de proceder	Controlar-me quando tenho vontade de fazer algo a maneira errada ou perigosa
Pessoas que querem que eu aprenda a me desenvolver sozinho	Procurar o momento certo para falar com alguém;
Pessoas que me ajudam quando estou doente, ou em perigo e necessito aprender	Encontrar alguém que me ajude quando necessito;
Eu sou:	Eu estou:
Uma pessoa pela qual os outros sentem apreço e carinho;	Disposto a me responsabilizar por meus atos;
Feliz quando faço algo bom para os outros e lhes demonstro meu afeto	Certo de que tudo sairá bem
Respeitoso comigo mesmo e com o próximo	

Quadro 3 – Fatores encontrados em pessoas resilientes Fonte: Grotberg (2005).

A esse momento percebemos que para atravessarmos as situações conflitantes que se instauram em nossas vidas é necessário, polimento e resignação em muitas circunstâncias, para alcançarmos a maturidade e compreensão ideais para uma vida de equilíbrio. Adiante, iniciemos o estudo de nosso percurso metodológico.

3. **CAPÍTULO II - ESTUDO EMPÍRICO**

3.1. **PROBLEMA E OBJETIVOS**

Após teorizarmos acerca do problema que pretendemos investigar, no capítulo anterior. Passaremos agora à nossa investigação propriamente dita, efetuada num colégio estadual no interior do estado do Rio de Janeiro, para que se possa revelar as influências da ética na mediação de conflitos no ambiente escolar e o processo de desenvolvimento pessoal e social dos alunos e profissionais da educação, e na cultura escolar que se desdobra a partir das decisões tomadas, nesse núcleo de ensino e seus desfechos.

3.1.1. **Problema e sua justificação**

A educação escolar básica, do ensino brasileiro, segundo o documento DCNEB (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica), bem como os fundamentos que orientam a nação brasileira estão definidos, constitucionalmente. E, de acordo com o que orienta a Constituição Federal, que trata dos princípios fundamentais da cidadania e da dignidade da pessoa humana, do pluralismo político, dos valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, dão sustentação também a esse conjunto de compromissos:

“A defesa da paz; autodeterminação dos povos; a prevalência dos direitos humanos; o repúdio ao preconceito e ao terrorismo; e o equilíbrio do meio ambiente, bem de uso comum do povo e essencial à qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e as futuras gerações.” (DCNEB, 2013, p.17)

Ou seja, o documento preconiza que se formem indivíduos éticos, críticos, responsáveis, conhecedores de seus direitos e praticantes de todos deveres sociais, políticos, independente de sua diversidade cultural, estimulando o convívio cordial e equilibrado no ambiente escolar, valorizando as condições e situações em que conflitos existentes nesse espaço coletivo são mediados.

Foi sob essa perspectiva, e com o objetivo determinado de contribuir com o aporte teórico disponível, que a presente investigação foi pensada. Com objetivo de estudar o modo como a ética tem se articulado à mediação de conflitos existentes nessa unidade escolar e possibilitado o processo cultural de convivência e aprendizagem, que se desenvolve, assim como a contribuição que a referida escola tem dado para a preservação e valorização da cultura social daquela comunidade.

E para tanto foi levantada a seguinte questão de partida, que ajudou a estruturar o nosso embasamento e a delinear o processo investigativo:

Em que medida a aplicação da ética pode ser utilizada como recurso na mediação de conflitos das relações interpessoais, ambiente escolar? e/ou

Quais as possibilidades de aplicação da ética como recurso na mediação de conflitos e à prática pedagógica, como instrumento de superação de problemas para o equilíbrio saudável das relações interpessoais entre alunos e professores do ensino médio?

3.1.2. Objetivos

Todo trabalho científico tem um propósito, uma razão de ser realizado e é pautado nessa convicção que traçamos os objetivos para alcance de maior compreensão do tema estudado. Então, no caso do nosso estudo especificamente, foi assim elaborado o objetivo geral que se desdobrou em sete objetivos específicos, ponto de partida para o guião de entrevista. São eles:

OBJETIVO GERAL:

Compreender o papel da ética, como recurso na mediação de conflito, na prática pedagógica, bem como instrumento de superação de problemas para equilíbrio das relações interpessoais no ambiente escolar.

Objetivos Específicos:

- Perceber o que as pessoas procuram na escola atualmente;
- Saber se o conceito de ética é perceptível para todos e se o ambiente escolar é pautado pelo reconhecimento ético;
- Compreender o que são relações interpessoais;
- Entender o conceito de conflito e quais os principais conflitos que a escola apresenta;
- Reconhecer os responsáveis pela mediação de conflito em ambiente escolar;
- Identificar o papel da ética na resolução de conflitos e nas relações interpessoais;
- Mapear estratégias e ações eficazes realizadas para a redução do conflito;

3.2.METODOLOGIA

A base do pesquisador é a leitura e a observação contínuas; tendo em vista essa premissa especificamente, no estudo do trabalho proposto, e para complementar o mesmo, destaca-se o conceito de pesquisa, segundo Gil (2007),

“Procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.” (p.17)

Seguidamente, há que pensar no conceito de metodologia, que segundo Fonseca, citado por (Minayo 2009 p. 12) o termo é definido da seguinte maneira *metodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação.

Igualmente para Minayo (2009), o termo metodologia é definido de forma concomitante e abrangente:

”a) como discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas”. (p. 44)

Logo, quando efetuamos uma investigação e tendo em conta o que acima foi dito, há que ter em conta que as escolhas que se fazem em termos metodológicos devem estar intrinsecamente ligadas não só ao problema em estudo, como também às questões por ele levantadas. Daí a nossa opção ter recaído na metodologia qualitativa, reforçando a ideia de que a pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2009),

“não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que utilizam métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas exprimindo o que convém ser feito, [...] e se valem de diferentes abordagens” (pp.31 e 32)

Saliente-se agora o que afirma Bardin sobre a análise qualitativa (2011),

“a análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais” (p. 145).

Assim, os aspectos relevantes das ações de mediação e seus efeitos quando aplicados à realidade escolar do lócus da investigação, poderão ser auxiliados pelo processo de categorização e no balizamento aproximado de respostas que justifiquem e comunguem com especificações de alguns comportamentos, inferências e referências dos sujeitos em estudo.

Saliente-se o que refere Bardin (2011), “a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação.” (p. 146). Assim, os aspectos relevantes das ações de mediação e seus efeitos quando aplicados à realidade escolar do lócus da investigação auxiliarão no balizamento aproximado de respostas que justifiquem e comunguem com especificações de alguns comportamentos, inferências e referências dos sujeitos em estudo.

Por isso, como acabamos de referir, julgamos pois adequada, relativamente ao problema e às questões de investigação que formulámos, seguir uma abordagem qualitativa e adotarmos um design de estudo de caso, que de acordo com Yin (2005) é do tipo singular, pois pretendemos estudar mais aprofundadamente apenas a visão sob o ponto de vista de um colégio estadual da cidade de Iguaba Grande, localizado no interior do estado do Rio de Janeiro.

Este autor chama ainda à atenção para o facto de que “focar um caso singular obriga a devotar cuidadosa atenção a esse caso” (p.384).

Consideramos que esta abordagem qualitativa possibilitará a leitura e interpretação dos resultados da pesquisa juntamente com a associação dos instrumentos colhidos através de entrevista semiestruturada a professores, equipe técnico-pedagógica, alunos e responsáveis do Colégio Estadual. Pois segundo Kvale (1996), (citado Abromavay & Rua,2002) as entrevistas “possibilitam compreender o mundo a partir do ponto de vista dos sujeitos, a fim de revelar o significado de suas experiências e desvendar o mundo em que vivem antes de explicações científicas.” (p.36)

A partir desse estudo, espera-se que sejam evidenciados dados comportamentais dos atores deste cenário, bem como seja possível o confronto entre as evidências que expressam os desvios e prováveis variações das posturas a serem adotadas diante de situações distintas e reações peculiares do referido grupo.

O que se pretende nesse trabalho é gerar reflexões profundas que possam nos auxiliar na compreensão substancial da rotina escolar da comunidade do referido Colégio Estadual, a fim de contribuir com a dinâmica experimentada no ambiente escolar, de maneira prática e com a meta de interferir posteriormente, através das reflexões, nas ações e decisões tomadas pelos sujeitos desse espaço geográfico e inclusive, ultrapassando suas barreiras.

Tal como já foi referido anteriormente o objetivo é alcançar o universo da comunidade escolar interna e externa do Colégio Estadual de Iguaba Grande compreendendo equipe técnico-pedagógica, corpo docente, alunos e pais ou responsáveis, para vivenciar a prática pedagógica no sentido amplo de sua significação, isto é, fora os limites das salas de aula convencionais, à reflexão sobre como são as relações interpessoais, ação e reação dos agentes educativos, educadores e educandos, atualmente, diante de situações de conflito e a proposição de resoluções que preservem a ética, sobretudo para harmonização dessas relações no convívio escolar interno e externo.

Serão entrevistados quinze pessoas elencadas da seguinte forma: um gestor, dois professores do curso de formação geral, duas orientadoras educacionais, uma coordenadora de turno, uma inspetora de alunos, dois responsáveis de alunos e seis alunos alunos, sendo cinco da terceira série e uma da segunda série do ensino médio regular e do Colégio, aos quais serão aplicadas entrevistas semi-estruturadas (já referenciadas) que induzirão nos resultados da investigação.

3.3.LOCAL DE ESTUDO E PARTICIPANTES

3.3.1.Local de estudo

O cenário dessa investigação localiza-se na cidade de Iguaba Grande, emancipada há vinte e três anos apenas, no interior do Estado do Rio de Janeiro, é banhada pela Lagoa de Araruama, com cerca de 23.000 habitantes, sendo a maioria mulheres, segundo informações extraídas no site do IBGE, de 2015. Apresenta uma área demográfica equivalente a 51.945 km², limita-se com os municípios de São Pedro da Aldeia e Araruama. Fica a 139 km da Cidade do Rio de Janeiro, apresenta o IDHM segundo informações de 2010, de 0,761. E desenvolve algumas atividades econômicas como a pesca, agricultura, artesanato. O comércio local e o turismo ainda não tem grandes alicerces, apenas algumas datas comemorativas, como o carnaval, semana santa e corpus christi, quando são confeccionados os tapetes de sal. Possui também algumas fazendas que revelam o passado de relevante influência histórica e cultural para o município e cidades vizinhas.

Figura 1- vista da cidade de Iguaba Grande



A estrutura da atual pesquisa tem como pano de fundo o cenário geográfico do Colégio Estadual de Iguaba Grande e é uma escola de referência e muitíssimo tradicional em nosso município. Seu espaço já é um ponto de referência. A escola compreende os cursos de formação geral (1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio), Curso de Formação de Professores e Sala de Recursos que atende alunos especiais do município, conforme tabela que segue:

Tabela 1 – Distribuição de Alunos por ano de escolaridade e por turno

Turno	Etapa	Ano de Escolaridade	Nº de Alunos
Matutino	Ensino Médio Regular	1ª série	129
		2ª série	95
		3ª série	110
Vespertino	Ensino Médio Regular	1ª série	82
		2ª série	61
		3ª série	0
Integral	Formação de Professores	1ª série	27
		2ª série	31
		3ª série	17
Total geral de alunos		Todas	519

No seu espaço físico interno conta-se com uma valiosa biblioteca com títulos preciosos, laboratórios de informática, de ciências, de artes e pedagógico, um amplo auditório com palco, sala de vídeo e cinema, quadra poliesportiva, refeitório, pátio coberto e descoberto.

A instituição conta com cerca de 519 alunos, aproximadamente 75 profissionais de educação, e 18 agentes intermediários que subdividem-se entre as funções de porteiro dando as boas vindas à clientela, preparo da alimentação, controle da disciplina no pátio e limpeza do espaço físico escolar. Que seguem distribuídos em funções segundo tabela a seguir:

Tabela 2 – Profissionais em serviço na escola estudada

Função	Nº de Profissionais
Gestores	02
Secretária	01
Coordenador Pedagógico	02
Orientador Educacional	02
Professores	50
Inspetor de Aluno	02
Coordenador de Turno	02
Auxiliar de Secretaria	04
Auxiliar de biblioteca	03
Auxiliar de Serviços Gerais	03
Preparadoras de Alimento	04

Dentre o grupo escolhido, percebe-se a necessidade de se alicerçar uma boa convivência, já que muitos têm dificuldades de lidar com as diferentes situações e reações dos jovens e de seus responsáveis e o mesmo ocorre em relação aos jovens que não têm um bom relacionamento com as autoridades e professores. Quando não se ajustam às normas disciplinares, há o reflexo negativo no comportamento, dentro ou fora do espaço escolar, e há outras questões diretamente ligadas ao convívio entre alunos, pais, professores, funcionários e colaboradores que ao se cansarem de seguir algumas regras de convivência, se exaltam e ou tentam burlar as normas estabelecidas por diversas vezes entre os canais citados.

3.3.2.Participantes

Esse estudo busca respostas sobre a mediação de conflitos e aplicação e apropriação da ética, e dentre o universo escolhido e suas múltiplas facetas, contamos com um grupo bem heterogêneo que pode viabilizar o trabalho de pesquisa sob o aspecto da observância e a coleta de diferentes opiniões que fundamentem as respostas pretendidas atendendo nosso objeto de estudo.

Assim, o nosso grupo de participantes do estudo ser constituído por um gestor, duas orientadoras educacionais, dois professores, uma coordenadora de turno, uma inspetora de alunos, dois responsáveis e 6 alunos escolhidos de forma aleatória, porém todos maiores e distribuídos entre a 2ª e a 3ª série do Ensino Médio.

A participação de todos foi conversada e previamente autorizada por cada um. Foram informados de que caso quisessem poderiam desistir da participação por sua livre iniciativa, a qualquer momento.

Com relação às habilitações acadêmicas, todos os profissionais da unidade escolar, foram arguídos e as informações prestadas constam na tabela a seguir e a maior parte deles possui mais de 10 (dez) anos de experiência profissional.

Quanto à escolha dos profissionais, destaquei a relevância das ações e medidas tomadas pelos mesmos. Em relação aos alunos, esses foram selecionados de acordo com o grau de amadurecimento dos mesmos, tendo em vista o fato de que em sondagem aos alunos de séries iniciais, esse últimos não demonstraram-se aptos a participarem da investigação.

Como é necessário manter o anonimato dos participantes, optou-se pelo código alfanumérico, que fora escalonado da seguinte forma: Gestor1, Professor1, Professor2, Orientador1, Orientador2, Coordenador 1, Inspetor 1, Responsável 1, Responsável 2, para os profissionais e responsáveis. E para os alunos: Aluno 1, Aluno 2, Aluno 3, Aluno 4, Aluno 5 e Aluno 6.

As informações relativas ao grupo em estudo estão explícitas no **Quadro 04** (informações relativas à comunidade escolar interna, compreendendo os servidores da unidade, excepto os alunos que se considerou no quadro

seguinte por se ajustar mais às informações) e **Quadro 05** (com informações sobre a comunidade escolar externa, compreendendo responsáveis de alunos e alunos- estes aqui incluído pela razão já mencionada).

Participantes	Habilitação Acadêmica	Tempo de Serviço	Idade	Função que Exerce
Gestor 1	Pós graduação	28 anos	55	Gestor
Professor 1	Pós graduação	23 anos	37	Professor Regente
Professor 2	Graduação	13 anos		Professor Regente
Orientador 1	Graduação	02 anos	38	Orientadora Educacional
Orientador 2	Graduação	19 anos	48	Orientadora Educacional
Coordenador 1	Graduação	26 anos	56	Coordenadora Turno
Inspetor 1	Ensino Médio	03 anos	44	Inspetora de Alunos

Quadro 4 – Comunidade escolar interna

Participantes	Gênero	Tempo na Unidade Escolar	Idade
Responsável 1	F	2 anos	45
Responsável 2	F	1 ano	43
Aluno 1	F	2 anos	20
Aluno 2	F	3 anos	18
Aluno 3	F	3 anos	18
Aluno 4	F	3 anos	20
Aluno 5	M	3 anos	18
Aluno 6	M	3 anos	18

Quadro 5 – Comunidade escolar extena

Analisando os dois quadros, percebemos que entre os profissionais entrevistados a idade está entre 38 e 56 anos de idade e todos têm considerada experiência na área em que trabalham, pois o tempo de serviço deles na escola varia entre os 13 e os 28 anos de serviço, sendo que apenas o Inspetor 1 tem 3 anos de serviço e o orientador1 apresenta 2 anos de serviço nessa unidade escolar.

Relativamente aos alunos podemos destacar que temos predominantemente participantes do sexo feminino dado que são mais disponíveis que os rapazes, além de estarem mais interessadas em colaborar. São jovens, maioritariamente com 18 anos pois, apenas dois têm 20 anos de idade, todos estudam na escola há 3 anos, sendo que apenas um só a frequenta há 2 anos.

Interessante verificar que no que concerne aos responsáveis, são também elas (as mães) que se apresentam mais interessadas e disponíveis. O filho de uma estuda na escola há mais de dois anos e o d outra há um ano. Repare-se também que são mães jovens pois apresentam 43 e 45 anos de idade respetivamente.

3.4. TÉCNICA DE RECOLHA DE DADOS

Destaca-se que a recolha de dados é um dos momentos mais importantes do ato investigativo, quando o pesquisador se prepara para utilizar os meios, que propiciem as descobertas, que se apropriará na sua investigação, e onde serão produzidos dados necessários à compreensão de seu estudo.

Sendo assim, destacamos o que diz Gil (2008), a respeito da técnica de recolha de dados selecionada para a nossa pesquisa:

“Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo da obtenção dos dados que interessam à investigação [...] é portanto uma forma de interação social [...] em que uma das partes busca coletar e a outra se apresenta como fonte de informação.” (p.109)

O mesmo autor refere que a entrevista é uma das técnicas de recolha de dados mais utilizada nas ciências sociais, e é adequada para a obtenção dos saberes sobre o que as pessoas creem, sabem, desejam ou esperam.

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber, realizado entre duas pessoas. (Richardson, 1999, p.207)

Partindo deste pressuposto esta técnica permite que cada entrevistado perceba a realidade à sua maneira e forneça as respostas para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo. (Rosa & Arnoldi, 2006, p. 17).

Razão pela qual nos apropriamos desse instrumento, por acreditar ser um dos mais espontâneos para alcançarmos os objetivos traçados. Como já foi referenciado, entrevistamos profissionais da escola, responsáveis de alunos, alunos de três turmas de 3ª série e uma da 2ª série do Ensino Médio do colégio estadual, alunos esses que foram escolhidos de forma geral, com critério exclusivo da maioria e por estarem matriculados na unidade de ensino.

É interessante o ouvir, o ato de entrevistar, segundo Poupart (2008), não basta criar um contexto que permita ao entrevistado estar à vontade como também, fazer com que ele se sinta à vontade, confiante para falar. E esse foi um cuidado que tivemos ao entrevistar sobretudo os jovens alunos, para que estes se abrissem sem que se sentissem invadidos em suas convicções e certezas. Durante a apresentação foram se sentindo curiosos e à medida que o tema era esclarecido eles começaram individualmente a sentir-se envolvidos, fazendo parte do problema. Era como se fosse dado um empoderamento a cada um deles. Outro fator relevante na escolha desse instrumento de recolha junto dos adolescentes foi a facilidade que eles têm de se expressarem oralmente uma vez que conquistada a confiança, nós conseguimos extrair a essência expressando suas emoções e verdades.

Os alunos foram entrevistados no contraturno, quanto aos demais profissionais da escola, estes foram entrevistados em dias e horários diversificados de modo a não atrapalhar o seu horário de trabalho.

Entrevistamos cada um individualmente a fim de se manifestarem sobre:

- o conceito de ética e seus contributos para a vida escolar;
- a relação de conflito existente na escola;
- a contribuição da ética na mediação de conflitos;
- o que todos esperam da escola;
- as estratégias usadas para a mediação de conflitos;
- a identificação dos conflitos mais comuns no ambiente escolar;
- o contributo da ética na mediação desses conflitos,
- relacionamento entre os sujeitos da escola;
- os elementos que possibilitam a mediação de conflitos, no espaço escolar.

Todas as entrevistas foram gravadas com autorização prévia de todos os envolvidos e para realizar cada uma delas foi utilizado o smartphone do investigador, que posteriormente, possibilitou a transcrição de todas as entrevistas que foram dadas aos entrevistados para que fossem validadas.

3.5. TÉCNICAS DE TRATAMENTO DE DADOS

Como referimos anteriormente, todas as entrevistas foram transcritas (apêndice 3) e cuidadosamente analisadas, sendo utilizada a técnica mais adequado para o efeito: análise de conteúdo.

Poder-se-ia ter optado quer pela análise de discurso, quer pela análise de conteúdo.

Orlandi (2015, p. 15) explica que a análise de discurso, como seu próprio nome indica trata do discurso, que a autora define como “palavra em movimento”. É uma abordagem onde se “procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

Contudo, há que referir que Orlandi (2015) diferencia a análise de discurso da análise do conteúdo, dizendo que esta última procura extrair sentidos do texto, enquanto a outra considera que a linguagem não é transparente e vê o texto tendo uma materialidade simbólica própria e significativa e uma espessura semântica, ou seja, não leva em consideração somente o texto analisado para compreender e identificar os significados presentes nele.

Também Bardin (2011), se refere à análise de conteúdo como uma técnica de análise de entrevistas,

“...com o material verbal produzido por entrevistas, quer seja investigador, analista de conteúdo, psicoterapeuta...-, depressa compreende que cada entrevista se constrói segundo uma lógica específica. Apoiando os temas, conservando-os...há uma organização subjacente, espécie de calculismo, afetivo e cognitivo, muitas vezes inconsciente na medida em que a entrevista é mais um discurso espontâneo que um discurso preparado.” (p.96)

Por tudo o que foi dito, optamos então pela análise de conteúdo.

Após a recolha dos dados passamos então à categorização, ou seja, unidades e registo sob um título geral, foi utilizado o critério de registo semântico: agrupados por temas, de acordo com as questões da entrevista. Foram criados os temas (categorias) principais em análise: ética e conflito e também os subtemas (subcategorias) encaixados. Finalmente construiu-se um quadro (**Quadro 06**) abaixo referenciado com cada uma das questões já agrupadas, a fim de se proceder ao tratamento e interpretação de dados de uma forma mais simples.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DESCRIÇÃO
ÉTICA	Importância da escola	Como todos os sujeitos envolvidos no ambiente escolar, direta ou indiretamente, assimilam (agem e reagem) aos conceitos estudados e seus efeitos no ambiente escolar
	Conceituação da ética	
	Relação ética no ambiente de trabalho (estudo)	
	Reconhecimento das relações interpessoais	
CONFLITO	Conceituação de conflito	
	Identificação dos conflitos comuns	
	Reconhecimento dos mediadores de conflito	
	Tratamento ético das relações	
	Identificação das estratégias usadas na mediação	
	Contributo da ética na mediação	

Quadro 06 – Categorias e Subcategorias

Entretanto, é necessário ressaltar que o resultado da pesquisa não pretende revelar o melhor caminho a ser seguido, nem o mais correto, apenas o adequado para gerenciar esse fenômeno da atualidade que corresponda à realidade encontrada em nosso objeto de estudos.

Durante todo o percurso investigativo, o investigador procurou sempre manter-se o mais neutro possível, fazendo o mesmo durante o procedimento de análise dos resultados, de forma a possibilitar a coerência na interpretação dos dados, sob observação distante e com o viés de um mero observador.

4. **CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Passaremos então à análise e discussão dos resultados de acordo com o Quadro 05. Como observado dividimos o resultado em duas dimensões base: Ética e Conflito, sendo que a primeira se subdivide em quatro subcategorias e a segunda em seis subcategorias, todas elas relacionadas com as questões colocadas aos entrevistados. Os resultados obtidos contêm uma discussão acerca dos mesmos tendo como suporte a literatura abordada.

Como já referido, todas as entrevistas podem ser consultadas na íntegra, nos apêndices (apêndice 3). Também já referimos que os entrevistados foram numerados (Gestor 1; Professor 1 e 2; Orientador 1 e 2; Coordenador 1; Inspetor 1; Responsável 1 e 2 e Alunos 1,2,3,4,5 e 6) a fim de se preservar a sua identidade.

4.1. ÉTICA

4.1.1. Importância da escola

Com base na investigação realizada, em relação à importância dada à escola, encontramos opiniões diversas entre os grupos entrevistados distinguindo-os da seguinte forma: comunidade escolar interna (gestor, professores, orientadores, coordenador e inspetor) e comunidade escolar externa (responsáveis e alunos). Quanto ao grupo de profissionais da escola, identificamos que a maioria reconhece a escola como um “lugar utópico”, ou

seja, onde o que deveria acontecer, realmente não acontece, a escola é vista como um lugar para resolver os problemas criados pelas pessoas e educar os jovens e adoscentes que por ela passam, como se verifica no **Quadro 07**.

Conteúdo	Localização
Uma grande maioria só pretende ocupar o tempo ocioso	Gestor1
É a casa delas e resolverá seus problemas	Professor1, Coordenador1
Que eduque seus filhos	Professor2
Preparação para o mercado de trabalho	Orientador1, Inspetor1, Responsável2, Aluno4
Buscam conhecimento para um futuro melhor	Orientador2, Responsável1, Aluno4, Aluno2, Aluno6
Melhorias na infraestrutura escolar e contra os preconceitos	Aluno1
Interação Social	Aluno3
Preparação para o mundo real	Aluno3, Aluno5

Quadro 7 – Expectativas sobre a escola: O que se espera da escola

Quanto ao grupo referente à comunidade escolar externa, isto é, os responsáveis e alunos, entre 50% dos entrevistados, acredita que a escola é o lugar onde se adquire conhecimento e possibilidade de ascensão profissional. Mas há opiniões que destacam a escola como um canal para se manter as relações interpessoais, ou simplesmente a posição frustrante do gestor da unidade que acredita que a maioria dos jovens só esteja na escola para passar tempo.

Vale salientar a opinião do Professor1, que reflete a atualidade das escolas, segundo o ponto de vista de muitos respondentes à pesquisa (Apêndice, p. 86):

“[...]as pessoas acham é que a escola é o local onde o filho tem que ficar e ali a gente vai resolver os problemas do ga..., da cr... da criança, do adolescente, como se nós fôssemos os responsáveis pela educação deles e isso não é verdade!”

4.1.2. Conceituação da ética

De acordo com a análise da próxima subcategoria, a que trata do conceito de Ética, identificamos muitos conceitos comuns e o discernimento entre alguns participantes envolve inclusive, a distinção entre ética e moral.

Conteúdo	Localização
Conjunto de valores que regem a sociedade	Gestor1, Professor1, Professor2, Orientador1, Inspetor1
Respeito e variáveis (amor, educação, postura)	Coordenador1, Responsável1, Aluno1, Aluno1, Aluno3, Aluno5
Pessoa que cumpre seus deveres	Responsável2
Algo que se faz com rigor	Aluno2
Comportamento Humano	Aluno4
Um ideal	Aluno6

Quadro 8– Conceituação de ética

Dentre todos os entrevistados a subcategoria que apresentou maior uniformidade de opiniões em relação ao conceito, foi essa e conseguiu extrair reações adversas a princípio, como: surpresa, hesitação, dúvida, entre outros sentimentos. Entretanto os respondentes compreendem esse conceito como um norte a ser seguido, como aborda o Aluno 6 “...é um ideal...”.

4.1.3. Relação ética no ambiente de trabalho (estudo)

Verdadeiramente a ética desperta sentimentos similares em relação à questão conceitual, teórica; o que não corresponde no entanto, à prática que revela a subcategoria presente no quadro abaixo:

Conteúdo	Localização
Não	Gestor1, Professor1, Coordenador1, Inspetor1, Responsável1, Responsável2, Aluno1, Aluno2, Aluno5, Aluno6
Sim	Orientador1
Pensam ser éticos tomando medidas inadequadas	Professor2
Um pouco	Aluno3

Quadro 9– Ambiência escolar pautada po relacionamento ético

No que diz respeito a este quadro, que aborda o relacionamento ético na ambiência escolar, o fato relatado acima se confirma diante das respostas dos entrevistados, por conseguinte quando vemos a maior parte dos entrevistados concentrados na resposta “NÃO”, que detalha sobre a forma como as pessoas se tratam, nos choca o fato do discurso estar tão distante da prática, principalmente no espaço escolar, que deveria de acordo com o artigo 2º da LDB (1996) prezar pelo contrário:

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (DCNEB, p.169)

Percebemos o quanto tem sido desafiador impregnar no ambiente escolar, até ao momento tão esvaziado de conceitos positivos e a sustentação edificante com princípios e valores éticos em nossa sociedade, diante do exemplo de figuras tão relevantes ao redor de nossos jovens, com posturas adversas; pois o que adianta cobrarmos de nossos alunos comportamentos e atitudes corretas e éticas se na prática o que tem sido experimentado se distancia do que lhes é cobrado? O que condiz com a informação do Orientador1 que sintetiza a sua fala expressando que a nova geração se tem privado da postura ética.

4.1.4.Reconhecimento das relações interpessoais

No que tange às relações interpessoais, percebemos que entre os entrevistados da comunidade escolar interna, alguns não conseguiram definir o conceito de relações interpessoais e embora o entrevistador estivesse diante de cada um em momentos distintos realizando a entrevista, não os induziu à resposta, pelo simples fato de corroborar com o que se comprova nessa investigação, que é a representação do quanto as pessoas de um modo geral, se têm distanciado das verdadeiras práticas positivas.

Conteúdo	Localização
Relações de convivência entre as pessoas	Gestor1, Professor1, Professor2, Orientador1, Orientador2, Coordenador1, Inspetor1, Responsável1, Responsável2, Aluno1, Aluno5, Aluno6
Não fazem a menor ideia	Aluno2, Aluno4, Aluno3, Aluno6
Amizade, Coleguismo	Aluno3

Quadro 10 – Conceituação de relações interpessoais

Apesar das opiniões diversas entre os entrevistados da comunidade escolar externa, nomeadamente os Alunos2, 3 e 4; os entrevistados da comunidade escolar interna e 100% dos responsáveis conseguem reproduzir claramente o conceito de relações interpessoais. Provavelmente por tê-la em seu convívio familiar, profissional e de outra natureza o que facilita a compreensão do referido conceito.

4.2.CONFLITO

4.2.1.Conceituação de conflito

Ao chegar à segunda categoria de nosso estudo, Conceituação do Conflito, verificamos que entre os participantes há mais uma vez uma unanimidade significativa entre os entrevistados da comunidade escolar interna e externa que explicitam conflito como um divisor de águas, o elemento gerador de divergência de opiniões, ideias, interesses ou pensamentos que produz um determinado desconforto entre as pessoas. Vejamos o quadro correspondente:

Conteúdo	Localização
Quando algo não está em harmonia	Professor1
Divergência de opinião, pensamento, atitude, interesse	Gestor1, Professor2, Orientador1, Orientador2, Inspetor1, Responsável1, Responsável2, Aluno2, Aluno5,
Não ter respeito ao próximo	Coordendor1, Aluno1,
Desentendimento	Aluno3
Várias coisas	Aluno6

Quadro 11 – Conceituação de Conflito

4.2.2.Identificação dos conflitos comuns

Na identificação dos conflitos mais comuns existentes no espaço escolar objeto de estudo, surgem pontos como: bullying, o relacionamento interpessoal, a religião (facto curioso), a nacionalidade,entre outros. O que

reforça a ideia de xenofobia e intolerância para com a diferença seja ela qual for, conforme o próximo quadro:

Conteúdo	Localização
Estrutura e funcionamento da escola	Gestor1
Poder excessivo dado ao aluno	Professor1, Inspetor1
Conflito entre aluno e professores, entre professores e professores, entre administrativo e servidores	Professor2, Orientador2
Diferença de opiniões (bullying, trabalho em grupo)	Orientador1, Coordenador1, Aluno3
Liderança excessiva	Responsável1
Não acredita que exista conflitos	Responsável2, Aluno2, Aluno4
Religião, nacionalidade e etnia	Aluno1, Aluno5, Aluno6

Quadro 12 – Conflitos mais comuns na escola

4.2.3.Reconhecimento dos mediadores de conflito

Nessa subcategoria, apresentaremos as figuras responsáveis pela mediação de conflitos no espaço escolar, quando os mesmos ocorrem. Segue o quadro com os apontamentos:

Conteúdo	Localização
Pessoas de bom senso	Gestor1
Equipe técnico-pedagógica (orientadores, inspetores, funcionários, gestores)	Professor1, Professor2, Orientador1, Orientador2, Inspetor1, Responsável1, Responsável2, Aluno2, Aluno4, Aluno6
Todos (alunos, professores, família)	Coordenador1, Aluno1, Aluno3, Aluno5

Quadro 13– Responsáveis pela mediação no ambiente escolar

Outrora, o conceito de mediador para a maioria dos localizadores (entrevistados), estaria concentrado na equipe técnico-pedagógica, principalmente através da figura do orientador educacional que representa a figura que consegue olhar o aluno, com outros olhos e sob prismas diferenciados.

Temos neste quadro também a visão bastante otimista de alguns participantes que mencionam o fato de todos se envolverem na mediação dos conflitos, a fim de apaziguar e tornar o ambiente pacífico e tranquilo, pois infelizmente em algumas circunstâncias esses conflitos não conseguem ser diluídos e culminam em ações violentas o que se torna um episódio desagradável e infeliz quer para os envolvidos no ato em si quer para aos que lhe estão ligados indiretamente.

Surgiu também o apontamento da família como atuante na mediação dos conflitos. . É irrefutável que a família represente uma grande parcela de contribuição para a resolução de alguns, senão a maioria dos conflitos, principalmente os internos e emocionais que os jovens enfrentam e a mesma não pode, nem deve se furtar de auxiliar nessa mediação, porque é na família que residem as melhores influências à vida saudável e próspera do jovem, como pode ser a representação inversa também dependendo das relações no ambiente familiar.

4.2.4. Tratamento ético das relações

Esta subcategoria está iminentemente interligada com a subcategoria anterior, uma vez que se refere à postura dos mediadores aí mencionados.

Conteúdo	Localização
Sim	Professor1, Inspetor1, Responsável1, Responsável2, Aluno4, Aluno5
A maioria	Gestor1, Professor2, Orientador1, Orientador2, Coordenador1, Aluno2,
Alguns	Aluno1, Aluno3, Aluno6

Quadro 14– As pessoas no ambiente escolar agem com ética

Verificam-se , neste ponto opiniões divergentes. Todavia, o que pode ser observado é que a maior parte dos entrevistados, acredita que entre as figuras que atuam como mediadores no espaço escolar fazem-no respeitando a ética. E a minoria acredita que não.

É interessante verificar que dentro do grupo da maioria, ou seja, aqueles que acreditam que os mediadores agem com ética, se encontram os profissionais da escola, contudo já no que se refere àqueles que acham que os mediadores não agem com ética se encontram um grupo de três alunos.

Tabém de realçar que entre os respondentes que dizem “SIM” à ética, 50% acredita que os responsáveis pela mediação o façam com ética e os outros 50% acredita que a maioria dos mediadores o faça com ética, mas, não na sua totalidade

4.2.5. Identificação das estratégias usadas na mediação

Eis uma das subcategorias mais interessantes a serem aqui apresentadas, por nos indicar o que os participantes e integrantes do universo escolar sugerem que sejam medidas tomadas para auxiliarem na mediação de conflitos e outras que já fazem parte da rotina escolar. Entre os depoimentos há uma resposta que foi extensiva à maioria dos entrevistados: o fator diálogo, ou conversa que integrou quase todas as respostas dos entrevistados.

Conteúdo	Localizador
Diálogo	Gestor1, Professor1, Orientador1, Orientador2, Coordenador1, Aluno6
Esclarecer regras de convivência	Professor2
Conscientizar que a divergência leva à evolução	Orientador1
Ouvir todas as partes com imparcialidade, conversa com registro e aplicar punição, quando necessário	Inspetor1, Responsável1, Responsável2, Aluno4
Debates e palestras com temas diversificados	Aluno1
Aplicar punição, quando necessário	Professor2, Aluno3, Aluno4
Apresentações culturais	Aluno5

Quadro 15 – Estratégias utilizadas para redução dos conflitos

Como já foi referido, todos os entrevistados tinham opiniões mais ou menos convergentes. Uns procuraram esmiuçar a estratégia após o diálogo, outros enfatizam a importância dada ao procedimento adotado pela orientação educacional, registrando os fatos, convocando os responsáveis, lendo todo o registro para os envolvidos, cobrando dos alunos posturas diferenciadas ao assumir o compromisso, repetição efetiva dos erros e consequências de seus atos, conscientizando os jovens para não se tornarem reincidentes nos conflitos. Todavia, não identificamos nenhum programa específico para preparar docentes ou mesmo alunos e responsáveis para lidarem com essa situação tão corriqueira e essencial ao desenvolvimento da convivência humana e aprimoramento das relações.

As pessoas da comunidade escolar interna e externa, experimentam o ato da mediação recorrendo ao uso da palavra e a persuasão da caneta para selar todo o acordado entre as partes.

4.2.6. Contributo da ética na mediação

Nesta última subcategoria é possível verificar que entre todos os localizadores, profissionais da escola, a ética é ingrediente essencial à mediação de conflitos no ambiente escolar ou não, pois as pessoas concordam que todos devem agir de acordo com o que ensinam

Entretanto, há a visão do Professor2, bastante enfática ao afirmar que a nossa ética está falida e “capenga” e que portanto estamos, por essa razão atravessando um momento bastante complicado na sociedade humana.

Observemos, então, atentamente, o que nos revelam os quadros desta subcategoria, que foi dividido em dois momentos de acordo com a pergunta em questão.

Este primeiro quadro sintetiza claramente a opinião dos entrevistados: grande maioria concorda que a ética pode sim auxiliar na mediação de conflitos, contudo há os mais descrentes, caso do professor 2, já mencionado e do aluno 6.

Conteúdo	Localização
Sim	Gestor1, Professor1, Orientador1, Orientador2, Coordenado1, Inspetor1, Responsável1, Responsável2, Aluno1, Aluno2, Aluno3, Aluno4, Aluno5
A ética está falida	Professor2
Depende da pessoa	Aluno6

Quadro 16 – A ética auxilia na mediação de conflito

Em seguida observemos o quadro subsequente, onde os entrevistados têm a oportunidade de sugerir e enriquecer a pesquisa exemplificando como é possível que a ética auxilie na mediação de conflitos:

Conteúdo	Localização
Com regras claras	Gestor1, Professor1, Professor2, Orientador1,
Com sinceridade, respeito e amor	Orientador2, Coordenador1, Responsável1, Responsável2, Aluno1, Aluno2, Aluno4, Aluno5
Através do exemplo	Inspetor1, Aluno6
Mesmo com a ética ainda pode haver conflito	Aluno3
Depende do ideal	Aluno6

Quadro 17 – Como a ética pode auxiliar na mediação

Entre os entrevistados da comunidade escolar interna, ou seja, os profissionais da escola, identificamos que a maioria pensa que ao praticarmos respeito, bom senso e aplicando regras de convivência no ambiente escolar, a ética deve ser uma forte aliada, no convívio saudável entre as pessoas

No que diz respeito aos localizadores externos, todos acordam no fato de que o discurso deve estar consoante com a prática, todos devem praticar o correto porque acreditam nele e respiram a ética entre as práticas escolares.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foi possível conhecer e compreender o funcionamento da escola escolhida como alvo da nossa investigação, a sua estrutura interna e externa, alguns dos seus personagens principais e seus coadjuvantes, a riqueza e plularidade cultural pertencente a esse local, o trabalho da equipe diretiva e do corpo técnico-pedagógico que nos recebeu sempre com muito carinho e atenção. Grupo esse que vem se esforçando e se dedicando para ultrapassar as barreiras de conflito que se estabelecem no referido ambiente de aprendizagem, sob diversas naturezas. Tudo o que foi vivenciado nos levou à condução dos resultados alcançados pela investigação, e nos oportunizou realizar um olhar aprofundado da maneira como aquelas pessoas convivem, se tratam e interagem entre si. O que pode ser referência não apenas do ambiente interno, como do ambiente externo.

Nesse ponto da nossa dissertação há que recordar que o principal objetivo era compreender o papel da ética, como recurso na mediação de conflito, na prática pedagógica, bem como instrumento de superação de problemas para equilíbrio das relações interpessoais no ambiente escolar. E partindo deste objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos a recordar:

- Perceber o que as pessoas procuram na escola atualmente;
- Saber se o conceito de ética é perceptível para todos e se o ambiente escolar é pautado pelo reconhecimento ético;
- Compreender o que são relações interpessoais;
- Entender o conceito de conflito e quais os principais conflitos que a escola apresenta;
- Reconhecer os responsáveis pela mediação de conflito em ambiente escolar;

- Identificar o papel da ética na resolução de conflitos e nas relações interpessoais;
- Mapear estratégias e ações eficazes realizadas para a redução do conflito;

Assim concluímos que, no que diz respeito à forma como as pessoas veem a escola hoje e porque a procuram, constatamos dois tipos de abordagens: a dos profissionais da escola, que a veem como um “lugar utópico”, ou seja, onde o que deveria acontecer, realmente não acontece, a escola é vista como um lugar para resolver os problemas criados pelas pessoas e educar os jovens e adolescentes que por ela passam. Já a comunidade escolar externa, isto é, os responsáveis e alunos veem a escola como um lugar onde se adquire conhecimento e possibilidade de ascensão profissional.

No que concerne ao objetivo específico dois, foi perceptível que a maioria dos respondentes tiveram reações bastante interessantes, desde a hesitação à dúvida, contudo quase todos percebem esse conceito como um norte a seguir, “um ideal” como diz o Aluno6. Quanto à segunda parte desta questão que aborda o relacionamento ético na ambiência escolar, choca-nos verificar que a maioria se concentra na resposta “NÃO”, discurso este que está tão distante da prática, principalmente no espaço escolar, que deveria de acordo com o artigo 2º da LDB (1996) prezar pelo contrário.

É realmente chocante comprovarmos que o ambiente escolar está vazio de conceitos positivos, princípios e valores éticos. Não adianta cobrarmos aos nossos alunos comportamentos e atitudes corretas e éticas se na prática o que tem sido experimentado se distancia do que lhes é cobrado.

Não compreender o que são relações interpessoais está intrinsecamente ligado com o ponto anterior, pois isto só vem corroborar a ideia já formulada de que de um modo geral as pessoas se têm distanciado das verdadeiras práticas positivas, revelando frieza entre as relações, não apenas por desconhecimento, mas sim como consequência de comportamentos reproduzidos de forma errônea.

Talvez por isso os nossos entrevistados explicitam conflito como um divisor de águas, o elemento gerador de divergência de opiniões, ideias, interesses ou pensamentos que produz um determinado desconforto entre as pessoas.

No que diz respeito ao reconhecimento dos principais conflitos no ambiente escolar, podemos constatar que é inegável que as relações interpessoais entre alunos, professores, a divergência de ideias e opiniões, a liderança excessiva, o poder excessivo dado ao aluno, a estrutura e o funcionamento escolar são os principais conflitos encontrados na unidade de ensino, o que está plenamente de acordo com tudo o que já foi dito.

Já como mediadores desses mesmos conflitos são apontados em primeiro lugar a equipe técnico-pedagógica, principalmente através da figura do orientador educacional que representa a figura que consegue olhar o aluno, com outros olhos e sob prismas diferenciados. No entanto, outros mais otimistas mencionam que todos se devem envolver na mediação desses conflitos, incluído a família, pilar da educação.

No âmbito do contributo que a ética pode assumir em relação à mediação de conflitos, todos, isto é, gestor, orientadores, professores, coordenador, inspetor de alunos, responsáveis de alunos e alunos foram unânimes ao afirmar que a ética é ponto fundamental para que a mediação assuma verdadeira consistência aliando o discurso à prática pedagógica.

Resta-nos um último objetivo específico: o mapeamento de estratégias utilizadas na mediação/redução de conflitos.

A maioria dos professores, equipe técnico-pedagógica, gestor, pais de alunos (responsáveis) e alunos acreditam ser o diálogo a melhor opção para auxiliar na mediação e redução de conflitos existentes na escola. Por seu lado, os alunos propõem a realização de debates temáticos diversos para abordagens que gerem reflexão de temas como, religião, homossexualidade, e outros assuntos delicados geradores de conflitos.

Em síntese, constatamos que a escola, não tem como totalidade a aplicação da ética na mediação de conflitos, (objeto do nosso estudo de investigação).

Este problema reflete-se na sociedade, onde encontramos vários exemplos de injustiça e corrupção partindo de autoridades relevantes. Todavia entre os personagens do colégio estadual, a importância da ética é inegável, sendo que todos os intervenientes estão a unir esforços para que isso se torne uma realidade entre comunidade escolar interna e externa.

Desta forma, é necessária uma postura correta não apenas na escola, mas em sociedade para que todos assimilem a ética e o conflito como exercícios saudáveis e diários na construção e formação do cidadão crítico e na vida dentro e fora dos muros da escola.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abramovay, M. & Rua, M.G. (2002). *Violência nas escolas*. Brasília, UNESCO, Instituto Ayton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME.

Althusser, L., (1977) *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença.

Barbosa, G., (2006). Resiliência em Professores do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série: Validação e Aplicação do Questionário do Índice de Resiliência: Adultos – REIVICH – SHATTÉ/ BARBOSA”. 2006. 331 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar do Programa de Estudos de Pós-graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Bardin, L., (2011). *Análise de conteúdo* (7ªed.). São Paulo.

Barreira, D., & Nakamura, A., (2006). *Resiliência e a auto-eficácia percebida: Articulação entre conceitos*. Altheia, 23, 75-80.

Bourdieu, P., (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero

Bourdieu, P., Passeron, J., (1975). *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. (trd) Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Calligaris, C. (s/d.). *Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. São Paulo: Escuta.

Ceccon, C., Ceccon, C., & Ednir, M., (2009). *Conflitos na escola: modos de transformar*. São Paulo: CECIP.

Chripino, A., & Chripino, R., (2011). *A mediação do conflito escolar*. S.P. Chripino. São Paulo: Biruta.

Cimbalista, S. (2006). Reflexões sobre o trabalho e a subjetividade de trabalhadores resilientes sob o sistema de produção flexível. *Revista da FAE*, 9 (2), 13-28.

Cortella, M.S., (2015). *Educação, convivência e ética: audácia e esperança!* São Paulo: Cortez.

De La Botié, E., (1982) *O Discurso da Servidão Voluntária*. São Paulo: Brasiliense.

Flach, F., (1991). Resiliência: A arte de ser flexível. São Paulo: Saraiva. Garcia, I. (2001). Vulnerabilidade e resiliência. *Adolescência Latinoamericana*, 2, 128-130.

Freire, P., (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P., (2009). *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. (16ª Ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gadotti, M., (1982). *Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Editora Cortez.

Gil, A., (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas

GIL, A., (2007.) *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4. Ed). São Paulo: Atlas

Grinspun, M., (2014). *Autonomia e ética na escola: o novo mapa da educação*. São Paulo: Cortez.

Grotberg, E. H. (2005). Introdução: novas tendências em resiliência. In: A. Melillo & E. N. S. Ojeda (Org.). *Resiliência: Descobrimos as próprias fortalezas* (pp. 15-22). Porto Alegre: Artmed.

Hermann, N., (2014). *Ética e educação: outra sensibilidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Houaiss, A., (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Howard, S., & Johnson, B., (2004). Resilient teachers: Resisting stress and burnout. *Social Psychology of Education*, 7, 399-420.

Jaramillo-Vélez, D. E., Ospina-Muñoz, D. E., Cabarcas-Iglesias, G., & Humphereys, J. (2005). Resiliencia, espiritualidade, aflicción y tácticas de resolución de conflictos en mujeres maltratadas. *Revista de Saúde Pública*, 7 (3), 281-292.

Ladeia, C.R., (2002). *O fracasso escolar na 5ª série na visão dos alunos, pais e educadores*. Campinas (p.284) Tese de doutorado em psicologia. Universidade de Campinas/Faculdade de Educação.

Lakatos, E., & Marconi, M., (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5ª ed.). São Paulo: Atlas.

LA Taille, Y., (1996). *A indisciplina e o sentimento de vergonha. Indisciplina na escola*. São Paulo: Summus.

LA Taille, Y., (1998). *Limites: três dimensões educacionais*. São Paulo: Editora Ática.

Martinez Zampa, D., (2005). *Mediação educativa y resolucion de conflictos: modelos de implementacion*. Buenos Aires: Ediciones Novedades Educativas.

Minayo, M., (org.). (2009). Sueli Ferreira Deslandes e Romeu Gomes. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Morgado, C., & Oliveira, I., (2009). *Mediação em contexto escolar: transformar o conflito em oportunidade*. IPP- Coimbra: Exedra.

Mosquera, J., Stobäus, C., (2004). O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In, D. Enricone (Org.), *Ser professor*. (4ª ed.). (pp. 91-107). Porto Alegre: Edipucrs.

Mota, D., Benevides-Pereira, A., Gomes, M. L., & Araújo, S. M., (2006). Estresse e resiliência em doença de chagas. *Aletheia*, 24, 57-68.

- Orlandi, E., (2015). *Análise de Discurso- Princípios e Procedimentos*, Campinas, SP: Pontes
- Ortega, R.; Del Rey, R., (2002). *Estratégias educativas para a prevenção da violência*. Brasília, DF: UNESCO: UCB.
- Pallarés, M. (1983). *Técnicas de grupo para educadores*. Madrid: ICCE.
- Poupart, J., (2008). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, Rj: Vozes.
- Regalla, M., Guilherme, P., & Serra-Pinheiro, M., (2007). Resiliência e transtorno do déficit de atenção/hiperatividade. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56 (1), 45-49.
- Richardson, R., Jarry e col (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas
- Rosa, M. & Arnoldi, M. A. G. C. (2006). *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.112
- Rouanet, S., (1987). O novo irracionalismo brasileiro. In, ID. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, (pp.124-146).
- Saviani, D., (2007). *Escola e democracia* (39ª edi.).Campinas: SP.Autores Associados.
- Schulz, A., (2008). *Ética e gestão educacional*. Campinas, SP: Editora Alinea.
- Silva, N., (2009). *Ética, indisciplina & violência nas escolas* (4ª edi.). Petrópolis, RJ:Vozes.
- Souza, M. T. S., & Cervený, C. M. O. (2006). Resiliência psicológica: Revisão de literatura e análise de produção científica. *Revista Interamericana de Psicologia*. 40(1), 119-126.

Tedesco, J. C., (1981). Elementos para un diagnóstico del sistema educativo tradicional en América Latina. In: UNESCO/CEPAL/PNUD. *El cambio educativo: situación y condiciones. Informes finales 2.*

Vásquez, A. S., (1987). *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Vinyamata, E., (2005). *Aprender a partir do conflito: conflitologia e educação*. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed.

Yin, R. (2005). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Editora Bookman.

Legislação consultada

DCN's (Diretrizes Curriculares Nacionais, 2013)

LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira-LDB LEI Nº 9634/96)

APENDÍCES

APÊNDICES

Apêndice 1

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DA PESQUISA

Eu _____ autorizo a aluna PATRICIA GUIMARÃES DE OLIVEIRA DA SILVA, do curso de MESTRADO EM ESTUDOS PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS divulgar imagens internas e dados recolhidos neste estabelecimento de ensino por meio, do relatório de pesquisa consolidada que culminará com a elaboração de sua dissertação.

Iguaba Grande, _____ de abril de 2017.

Diretor Geral do Colégio Estadual

Apêndice 2

GUIÃO DE ENTREVISTA

- No início da entrevista devemos informar o (a) entrevistado (a) sobre o trabalho que está a ser realizado.
- Pedir a sua colaboração, informando que as suas respostas são importantes e imprescindíveis para o êxito do trabalho.
- Assegurar o carácter confidencial das informações obtidas.
- Dividir a entrevista em duas partes: Parte I- Identificação do Entrevistado; Parte II –Questões.
- No final, agradecer a disponibilidade e o conhecimento

Parte I - Identificação do Entrevistado

- a) Nome
- b) Idade
- c) Género
- d) Formação Académica
- e) Tempo de docência na função de regente de classe (no caso de professor)
- f) Tempo que estuda na unidade escolar (no caso de aluno/responsável)

Parte II- Questões

- 1 – Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?
- 2 – O que você entende por ética?
- 3 – Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?
- 4 – O que são relações interpessoais?
- 5 – O que você entende por conflito?
- 6 – Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

7 – Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

8 – Você acredita que elas o façam com ética?

9 – Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

10 – Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Obrigada por sua valorosa contribuição e sucesso em sua vida profissional /
acadêmica!!!

Patricia Guimarães de Oliveira da Silva

GESTOR 1

1 – Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

Uma parte significativa, está simplesmente ocupando o tempo ocioso

2 – O que você entende por ética?

Característica que envolve tanto as atitudes quanto o comportamento pessoal / profissional. Ideal para ser utilizada desde a saída de casa até o retorno à mesma. Pode ser utilizada em excesso pois não possui efeito colateral.

3 – Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

Não! Uma parte acaba descaracterizando o verdadeiro significado por falta de coragem de se posicionar diante de um dilema, ou por desvio de caráter, ou pelo simples fato de criar intriga mesmo.

4 – O que são relações interpessoais?

A partir do que já foi respondido, entendo que seja a relação entre as pessoas/profissionais que convivem no mesmo ambiente e dividem e/ou compartilham dos mesmos ideais, ou deveriam.

5 – O que você entende por conflito?

Um choque de ideias e/ou ponto de vista seguido algumas vezes por uma falta de acordo.

6 – Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

Os que envolvem a estrutura de organização e funcionamento da mesma. As pessoas resistem em cumprir as regras independente de terem sido determinadas ou mesmo combinada e acordada pelo próprio grupo/equipe.

7 – Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

As pessoas que se utilizam do bom senso.

8 – Você acredita que elas o façam com ética?

Nem sempre.

9 – Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

Cada um com seus pontos de vistas diferentes/discordantes, ceder um pouco ao outro.

10 – Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Sim! Sempre que se utiliza a ética, todos os envolvidos acabam sendo favorecidos. O melhor exercício para utilizá-la é praticando-a o tempo todo.

PROFESSOR 1

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas esperam da escola?

O que as pessoas esperam...sinceramente eu acho que as pessoas esperam que a escola seja o local, onde ela vai... que o acredito que as pessoas pensem que a escola é a casa delas.(certeza, convicção) onde eles vão ficar ali pra que os professores cuidem e eduquem. Não é esse o objetivo da escola! O objetivo, na minha opinião o objetivo da escola é matérias, disciplinas, como história, filosofia, matemática e um pouco também de cidadania, complementar na educação, de alguma forma ensinando responsabilidade, respeito à diversidade, mas... o que eu penso que as pessoas esperam, e que tenham visto e que as pessoas acham é que a escola é o local onde o filho tem que ficar e ali a gente vai resolver os problemas do ga..., da cr... da criança, do adolescente, como se nós fôssemos os responsáveis pela educação deles e isso não é verdade! Pelo menos é o que eu penso que eles acham que é a escola.

2-O que você entende por ética?

Bom é...a ética, é um conjunto de valores pra mim é um conjunto de valores que regem uma sociedade. Na verdade, o indivíduo, o indivíduo, dentro da sociedade, e isso vai envolver obviamente questões de cultura, é...da cultura local. Mas acho que a ética são esses valores, são é o conjunto de valores que norteiam, que norteiam, que norteiam uma sociedade. Diferente de moral, porque nem tudo o que é moralmente correto ou incorreto é ético, então a, a, a ética seria mais um, esse conjunto de valores.

3-Entre as pessoas do ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética?

Não, não acredito que todos, não acredito que todos se comportem com ética. É... porque é...percebo algumas posturas equivocadas, posturas onde que o docente não deveria ter, responsabilidades que eles deveriam cumprir e não cumprem e percebo que isso realmente, não, não corresponde ao...ao

comportamento ético. Ético profissional, é problemas de relacionamentos que podem acontecer e que isso realmente...é...não só profissionalmente, mas também no contexto de relacionamento né, relacionamento social entre indivíduos, não tem...percebo que não, não, não vou dizer que não há, que não esteja presente. Está presente; né a ética está presente ali em outros casos. Mas também a falta de ética está presente de várias formas também.

4-O que você entende por relações interpessoais?

Bom relações interpessoais na minha opinião são aquelas que nós travamos no nosso dia a dia que vai desde um bom dia pra um motorista de ônibus até as relações mais íntimas de uma família entre pais e filhos, relacionamentos, mais próximos, mais íntimos desse jeito. Então a gente no dia a dia, nós travamos relacionamentos, nós travamos relações interpessoais com colegas de trabalho, com é no supermercado mesmo que com pessoas desconhecidas a gente fala um bom dia, um muito obrigado, um com licença, é as relações interpessoais estão nisso daí e elas podem, elas se aprofundam, elas são mais profundas, quando as pessoas envolvidas, estão mais próximas, tem um contato maior, como no caso de um trabalho, é no trabalho por exemplo, não são estranhos que a gente passa dá um bom e nunca mais vê, não são pessoas que a gente vê no nosso dia a dia, a gente vai criando ali relacionamentos interpessoais, e esses relacionamentos eles podem ser superficiais, como eu falei um bom dia a um desconhecido, um muito obrigado, mas também pode ser um relacionamento interpessoal mais profundo, onde vai conhecendo a pessoa, né ou as pessoas, a maneira dela e vai interagindo, enfim e até o ponto de talvez surgir até mesmo amizade dali. Então pra mim relacionamentos interpessoais está nessa, nesse padrão dos nossos relacionamentos uns com os outros e tendo os seus níveis de profundidade.

5-O que você entende por conflito?

Mas conflitos profissionais? Entre professor professor? Professor aluno? Conflito, bom...conflito acho que é quando alguma coisa se...alguma coisa não está em harmonia, quando alguma coisa não está em harmonia gera-se um conflito, e...os conflitos eles precisam ser resolvidos, né. Agora a forma como

cada conflito é resolvido, depende da intensidade desse conflito, dessa, dessa falta de harmonia né. Que é que tá acontecendo? É entre professor e aluno, entre professores? Se há conflitos entre professores, qual o problema, que tá acontecendo? Senta-se e tem que se resolver de forma ética. O que às vezes a gente não percebe que isso acontece. Geralmente, os conflitos continuam acontecendo, e não se resolve, e cria-se um clima é...complicado de relacionamento. Essas coisas acontecem também, né? Agora, conflito acho que é isso: problemas que surgem por falta de é é é ...às vezes até por falta de bom senso entre as partes, né...enfim, várias fontes podem gerar conflitos e que eles devem ser resolvidos. Ora cada um como, depende é muito particular.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns, no ambiente escolar?

Ahhh...Meu Deus...conflitos mais comuns...é tentando pensar aqui algum exemplo, situação conflitos mais comuns...eu acho que os conflitos mais comuns é relacionamento entre aluno e, acho que o conflitos mais comuns de a postura de alunos na escola, né esses conflitos entre alunos que éé tentam se comportam na escola como se fosse na rua, como se tivessem na rua e ou como se eles pudessem fazer o que ele quisessem e isso gera muito conflito entre professores e alunos e a gente tenta contornar ou dentro da sala de aula ou quando a situação extrapola, a gente vai pra coordenação ou direção. Às vezes tem outros conflitos, problemas que muitos alunos tem problemas em casa situações em que é esses conflitos acabam influenciando no comportamento do aluno dentro da escola e que acaba também ééé tendo que ser tratado , mas acho no dia a dia, realmente talvez seja a questão ééé instituição escola e aluno, instituição escola e o comportamento do aluno de achar que pode fazer tudo, que tem que ser do jeito dele e como professores, como orientadores educacionais, direção, a gente tem que mostrar pro aluno que não que tudo existe um limite, que ele tem obrigações a cumprir que tem responsabilidades, que ele não pode fazer o que ele quiser, que ele tá mal acostumado. Não pode ser assim. Existem regras que devem ser cumpridas. Porque a sociedade aí fora tem regras e que devem ser cumpridas Então o conflito maior acho que deva

ser esse. Existem outros, mas talvez esse seja o mais corriqueiro dentro da escola.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos nesse espaço de convivência, que é o ambiente escolar?

Bom, geralmente coordenação pedagógica e principalmente a direção, que são as figuras centrais, né a direção que é figura central e a coordenação que é um braço da direção que tá ali também pra auxiliar, mas demandas desses conflitos. Conflitos aí é entre pais e filhos, entre alunos, enfim vários tipos de conflitos é as pessoas centrais ali é a direção, coordenação pedagógica, orientação educacional que são centrais; óbvio que professor também tem sua parcela de responsabilidade nisso, mas é quando tem situações que o professor não tem como resolver. Sai da alçada dele então tem que ir em outra instância, né, à orientação e depois se for o caso à direção.

8-Você acredita que essas pessoas responsáveis pela mediação, elas o fazem com ética?

É difícil dizer né, eu acredito que sim, eu acredito que sim. Não tem como avaliar porque eu não participo do processo, eu não participo do processo, como professor eu lido com os conflitos dentro da sala de aula com alunos ou que pode surgir comigo e aí eu tento resolver da melhor maneira e que eu penso ser de forma ética. Agora, é outras, de outras formas eu não tenho como avaliar. Acredito que sim, acredito que os profissionais que estão ali dentro estão fazendo da melhor forma possível. Agora, se o fazem aí... não tem como dizer.

9-Quais as estratégias usadas na mediação dos conflitos existentes?

Ahhh...bom dentro do que eu já vi em alguns momentos é o diálogo, é diálogo, ouvir as partes tendo bom senso da situação tentando se colocar de uma forma mais imparcial possível, porque nem sei não tem como nós sermos imparciais em tudo, então, enfim tentar ser mais imparcial possível, e na conversa, no diálogo, é em alguns momentos, dependendo do que for, dependendo de algum tipo de situação, aquele que está mediando, dependendo da sua também, da função que ele exerce, ter um pouco mais de

firmeza exercer um pouco mais de autoridade que que lhe é devida, né. Impor certas coisas, de alguma forma não sei mais que depende da situação, e depende com quem tá ligan...lidando. É com pai, é com aluno, então enfim em alguns momentos a pessoa vai ter que ser mais firme no falar, assim tudo com equilíbrio. Tentando ser o máximo equilibrada até porque tem situações que abalam o profissional, seja o diretor, o coordenador ou o professor, tem situações que abalam o nosso emocional e a gente tem que também se controlar. Então é uma luta grande né , existe até um conflito interno, do profissional que está mediando isso daí, porque ele não pode perder o equilíbrio né e e aaa, não pode se descompensar então até esse conflito interno mesmo. Acho que o diálogo é o veículo principal.

10-Você acredita que a ética auxilia na mediação de conflitos no ambiente escolar?

Sim, sim, tem que auxiliar, né. Porque se a pessoa não for ética, nos seus conflitos, ela vai usar meios errados, meios equivocados. Baseado obviamente em princípios e valores errados, né e aí ela vai, ela...ela vai tá resolvendo um problema é é é de uma forma totalmente equivocada. Um exemplo simples, você dá uma propina pro guarda pra ele não te multar, você resolveu o problema, mas você não resolveu de maneira ética. Simples assim, se você está errado, recebe a multa e se tiver que apreender o carro, deixa apreender. Ou se você está certo, você não tem que fazer nada de errado, então você não tem que se submeter a uma coisa dessa. Agora, se a pessoa tem uma ética ruim, uma ética baseada em valores errados, ela vai se submeter a atitudes erradas e vai dar propina pro policial, pra não perder o carro ou enfim...na melhor forma dentro do contexto é da escola é se nós tivermos os valores errados, os valores distorcidos pra gen...a ética daquela pessoa tá distorcida, mesmo que praquela pessoa talvez não seja. Mas, é ahhh...vai se tornar. Eu acho que a base de tudo, Patricia, é o seguinte: existe o que é absoluto, valores o que é certo, o que é errado, se relativiza muito isso. Mas particularmente eu acredito no certo e no errado absolutos.de certa forma, então eu procuro viver dentro dessa ética absoluta. É claro que eu sou falho, eu cometo, todos nós cometemos erros

e enganos, todos nós precisamos aperfeiçoar a nossa ética, mas dentro daquilo que nós já aprendemos, a gente precisa ser, né. E por que se a gente não for no nosso trabalho ético, então a gente não tem honra e aí a honra se a gente não tem honra, se o homem, homem aqui no contexto geral ser humano né não tem honra, então ele não é um exemplo, e nós precisamos de valores e de exemplos na sociedade, porque a sociedade que temos vivido é uma sociedade onde a honra não é valorizada, né. O que a gente tem valorizado é se dar bem, e a gente não pode querer se dar bem. Se pela ética, a gente vai se dar mal, se vai ser mesmo de uma situação, então se isso vai ser prejudicial pra gente, mas se é o correto a fazer, se é o ético a fazer, a gente vai ter que pagar o preço, de manter o nosso nome limpo, de como profissionais, como pessoa, então a ética ela é fundamental.

PROFESSOR 2

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

Os pais, penso eu e os responsáveis esperam que a escola e os professores, eduquem seus filhos, na verdade aquela educação que deveria vir de casa, né? Que nós tomemos conta da integridade física deles, da integridade emocional e por fim, os instrua, né. Eles procuram o ambiente limpo, um ambiente na cabecinha deles sadio, né, um ambiente seguro, aonde eles possam deixar os filhos nestas horas e eles não precisem se preocupar. Estarem com a cabeça pensando ou deixando de fazer porque tem gente tomando conta deles. Bom, penso que nem todos os pais, né, é...vejam a escola com essa função que hoje, ela adotou de tomar conta das crianças, que na verdade no nosso caso não são crianças, são adolescentes, né. E que por fim faça o papel dela, que é instruir os filhos. Mas, infelizmente o que temos visto é que a maioria pensa dessa forma. Com relação aos alunos, eu acho que eles esperam também um lugar seguro, um lugar agradável aonde ele pode encontrar os amigos, fazer novos amigos e de vez em quando aprender alguma coisa que ele considera legal.

2-O que você entende por ética?

Eu entendo que é o conjunto de valores da sociedade, né de um modo geral, mas esse conjunto de valores, né que a sociedade estabelece, ele pode ser como tem sido muitas vezes bastante adoecido, e pra que a pessoa vivencie a questão ética, ela primeiro tem que vivenciar a questão moral, né que é um conjunto de regras pessoais aonde...do , meio aonde a pessoa foi criada a cultura em que a pessoa foi inserida desde pequeno e muitas vezes o que a pessoa acha que é moral, entra em conflito com a ética, e quem tem buscado seguir uma moral mais rígida se assim posso dizer, né, tem muitas vezes se defrontado com uma ética “capenga” e vice-versa e muitas vezes a ética da ambiência daquele grupo é uma ética favorável, mas a moral individual tá muito capenga.

3-Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

Eu entendo que no nosso ambiente de trabalho, muitos ou se não a maioria acha que estão agindo de uma maneira ética, e o que eu coloquei na questão anterior, né, a moral do indivíduo, às vezes tá um tanto “capenga” então ele conflita com as questões da ética do conjunto ele acha que ele está agindo certo, mas está deixando a desejar na verdade. Está deixando é...está tomando medidas, inadequadas para a maioria, infelizmente a gente ainda vive numa sociedade, aonde as pessoas estão muito individualistas, né primeiro eu, segundo eu, terceiro eu. Enquanto, a maioria de nós pensarmos quesito individual, enquanto nós não formos capazes de abrir mão da nossa individualidade, Abri mão no bom sentido, né, daquilo que eu desejo que eu acho que é excelente pra mim, em prol da comunidade, nós vamos caminhar muito pouco, e vamos estar sempre entrando em conflito.

4-O que são relações interpessoais?

Eu entendo que são as relações de convivência, né que se estabelecem entre as pessoas.

5-O que você entende por conflito?

Eu entendo que conflito é quando duas ou mais pessoas ou dois grupos, enfim, têm conceitos e opiniões divergentes e excludentes sobre um determinado assunto, sobre um determinado fato, e isso acaba ocasionando uma tensão, né, uma tensão psicológica, negativa um sentimento de mágoa de raiva, enfim uma frustração, onde ambos também nessa situação se mantem inacessíveis a escutar uns aos outros, né e a ceder e a utilizar o famoso bom senso, né, como a questão está também ligada aos conceitos morais, individuais e egoísticos de cada um, Às vezes fica muito difícil as pessoas escutarem um e outro usar a tal da famosa empatia, se colocar no lugar do outro e ceder né na questão pra que as coisas se minimizem.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

Conflitos que eu percebo no ambiente de trabalho, é majoritariamente entre alunos, né entre alunos e professores, entre alunos e funcionários. Às vezes, entre professores, né entre colegas que divergem de opiniões e não sabem amadurecidamente é se portar. Acredito que seja isso e de um modo geral né, é o conflito ou a frustração em relação a nós que somos funcionários públicos, né, e aqueles que estão diretamente, expedindo as ordens, né são cabeças do sistema, que são muito falhos.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

Nas questões referentes a conflitos de alunos, acredito que na maioria das vezes são os professores que mediam essa questão. Depois, se não conseguirem resolver, né isso é passado pra coordenação educacional pra que eles possam né verificar o ocorrido, conversar com os adolescentes e na impossibilidade disso acontecer, a direção porque vai chamar os pais também vai colocar todos juntos, pra tentar resolver da melhor forma possível.

8-Você acredita que elas o façam com ética?

Eu entendo que às vezes cem por cento das vezes, as pessoas agem segundo seus conceitos morais, né mas deixam a ética a desejar e vice-versa porque uma coisa está diretamente atrelada a outra, né. Se eu creio, que alguém me devolva um troco a mais e eu não tenho obrigação de devolver, porque é o outro que tem a obrigação de ter percebido esse troco a mais, a minha moral tá “capenga” e obviamente eu não vou ter a ética devida de devolver, né o dinheiro que não me pertence e não pertence nem a pessoa no caso, o caixa né que tenha dado o troco errado e sim ao dono do mercado e que vai acabar trazendo prejuízo pro caixa. Então assim uma coisa está diretamente ligada a outra.

9-Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

Creio que pra minimizar os conflitos o que possa ser no ambiente escolar do trabalho, o que possa ser colocado é esclarecer, né quais são as regras do ambiente, quais são os direitos de cada um, os deveres de cada um na relação e tentar manter um controle amistoso sobre isso. E na impossibilidade do controle amistoso, infelizmente temos de partir sim para um controle punitivo, né. Ou seja, se o aluno não chega na hora nunca, se ele está sempre sem fazer as tarefas, matando aula, acho que no primeiro momento se deve conversar, saber o que está acontecendo, mas na impossibilidade da criatura tomar jeito, né aí sim temos que contatar os pais, dar advertência, fazer o que nos cabe. Porque se eu não sei o que eu devo fazer, quais são as regras que eu devo seguir, né muitas vezes eu posso infringir a regra, sem saber que realmente eu estou infringindo é o que tem acontecido hoje, em termo dos relacionamentos, na percebo eu né no ambiente escolar, como eles tem vindo de lares aonde não são ditas, ou se são ditas não são cobradas verdadeiramente as regras de comportamento de boa educação, eles acham que eles podem fazer o que eles assim desejam né e aí quando ele é interditado por alguém como ele não está acostumado a ouvir não, como eles não estão acostumados a seguir verdadeiramente a regra onde tenha um adulto que verdadeiramente o faça se colocar dentro daquela questão, dentro daquela regra, aí surge o conflito, que eles não estão acostumados a ser frustrados.

10-Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Como eu já coloquei nas questões anteriores, eu acho que a ética da nossa sociedade está falida, precisamos muito rever diversos conceitos, a família é a célula máter da onde essa ética deveria emergir, né o sujeito criado com bases morais firmes sólidas, ele sabe se comportar em qualquer ambiente, mesmo quando a ética daquele ambiente está “capenga”, né. Mas infelizmente o que nós temos visto, é que os nossos alunos estão muito conflituados porque nos seus lares não se estabelecem as regras, não são ditas ou se são ditas como falei, anteriormente, não são cobradas essas normas que eles tenham que cumprir os seus deveres, eles só querem ter direitos. E como cada um tem a sua suposta verdade, né, ela entra em conflito com a verdade que seria a verdade do grupo e cada um acha que tem que fazer o que tem que fazer e é o que...dane-se o resto. Se todos nós tivéssemos regras idênticas, todos saberíamos como agir nos diversos fatos que se apresentam durante a prática, né da educação de um modo geral e acredito eu que os conflitos seriam inexistentes ou seriam muito pueris, mas como isso não acontece, né cada hora ou cada um quer fazer aquilo que ele acha que é a verdade e muitas vezes é a vontade dele, mas não é a verdade do grupo, fica complicado!

ORIENTADOR 1

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

Bom, eu acho que é preparar o cidadão, pra se adequar ao mercado de trabalho em relação aos conteúdos né, que são cobrados na escola e é o que ele vai precisar usar depois no mercado de trabalho. Eu acho que as as pessoas procuram na escola é isso aí, se preparar para o mercado de trabalho somente.

2-O que você entende por ética?

Eu acredito ser quando alguém age baseado na razão. E a razão... que é uma razão que segue um conjunto de regras, e regras essas que são conhecidas da nossa sociedade.

3-Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

Sim, acredito, porém as novas, a nova geração está a cada instante dando menos valor a essa postura ética que a gente tem que ter.

4-O que você entende de relações interpessoais?

A relação entre as pessoas, não tem muita coisa pra acrescentar... mas, é a relação entre as pessoas.

5-O que você entende por conflito?

Eu acho que quando há divergência de opinião dentro dessas relações interpessoais, né?! De, conflito de opiniões e de ações. Às vezes, você não concorda com o que outro diz, mas também não concorda com o que outro fez ou faz.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

Eu acho que existe muita dificuldade das pessoas de olharem...é o outro com bons olhos, né?! Hoje em dia no ambiente da educação, a gente já olha o outro procurando o que de ruim há nele. É... A dificuldade de se colocar no lugar do outro, é... por que a relação no ambiente de trabalho é gestor, funcionário professor e também tem a relação professor aluno, né, não é só...são suas relações diferentes, são várias relações ali dentro. E aí eu acredito que tem essa dificuldade porque o professor, ele tá, ele tem a dificuldade de relacionamento com o aluno, porque ele tá tentando inserir conceitos de comportamento também, então além dele ter as dificuldades da diferença, é...de opiniões, ele também tem que formar o cidadão. Já entre os gestores, professores e funcionários há outro tipo de desentendimento né de conflitos, são outros, né?! Que já não tem aquela exigência né de você querer ter uma resposta de comportamento de alguém, né; nem ensinar, você não precisa ensinar isso pra ninguém, tem esses dois tipos de interação.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

Acho que tenta mediar são os orientadores, os inspetores, os gestores, isso e a família do aluno.

8-Você acredita que elas o façam com ética?

Sim, em sua maioria né?! Pode haver é...alguém que tenha...que não tenta resolver algum conflito sem se basear nessa ética toda né!?Mas a maioria, acho que sim.

9-Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

Eu acho que muita conversa, muita repetição, você ter que dizer várias vezes a mesma coisa pras pessoas começarem a entender o pensamento e a estratégia pra que não aconteça é...procurar quando começar o conflito, fazer com que a pessoa se coloque no lugar no outro, né!?É...e entender que a divergência gera uma evolução, que aquela divergência que aconteceu, não quer dizer que a escola é um fracasso que a gente tá indo pra uma melhora, pra que aquilo não aconteça de novo.

10-Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Eu acredito, é...você conhecer as regras de convivência e usa elas, é... vai fazer com que as pessoas se entendam né? Se eu conheço a regra, e eu sigo, eu não vou entrar em conflito com a pessoa que criou de repente essa regra, e segue também. Eu penso assim, e também é...em relação ao atingir o outro, o que que, o que que você quando tá agindo dentro da sua regra, dentro da regra de convivência, dentro da sua ética, você dificilmente atinge o outro na parte negativa, né, negativamente.

ORIENTADOR 2

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

Algumas buscam conhecimento para um futuro melhor, mas outras, acredito que só lazer.

2-O que você entende por ética?

Seriam os princípios morais que o indivíduo tem que ter para viver em sociedade.

3-Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

Não, nem sempre. Uns procuram viver seguindo os princípios morais que adquirem desde a infância passado de pai para filho. Mas outros, apesar de adquirirem esses ensinamentos, modificam-se sob a influência de pessoas ou até mesmo oportunizadas por várias coisas.

4-O que você entende de relações interpessoais?

Seria a relação entre pessoas que estão inseridos em algum grupo, podendo ser família, escola, trabalho e até mesmo na igreja.

5-O que você entende por conflito?

Bom na minha opinião, o conflito seria divergência de atitudes, ideias e interesses que surgem entre pessoas ligadas diretamente a um grupo.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

Existem os conflitos entre o professor e aluno e vice-versa, assim como entre os grupos, de funcionários, que possuem ideias divergentes.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

Os gestores e a equipe técnico-pedagógica.

8-Você acredita que elas o façam com ética?

Na maioria das vezes sim.

9-Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

Sempre, o diálogo, que é o mais indicado.

10-Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Sim, à medida que se procura ouvir os dois lados e tentar apaziguar os conflitos, mesmo que em alguns momentos, uma das partes não saia muito satisfeito. Mas procura-se mediar para que os dois lados entendam que muitas das vezes devemos ceder para que possamos viver humanamente.

COORDENADOR 1

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

Eu acredito que elas é acham que a escola vai resolver todos os problemas delas da vida dos seus...dos estudantes, né. E e e realmente não é isso que ocorre, né. A escola ela apenas vai aprimorar aquilo que ele vai trazer de casa, convívio dele, que ele tem, né.

2-O que você entende por ética?

Ética pra no meu entendimento é amor e respeito. Isso que eu entendo como ética.

3-Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

Não.

4-O que você entende de relações interpessoais?

É relações interpessoais que você está falando é assim entre as pessoas no trabalho? Eu acho que essa relação não funciona muito, entre as pessoas hoje, hoje...talvez por causa da do progresso que a gente tá vivendo, né do avanço da tecnologia...Então não existe mais essa relação assim...fica tudo muito solto. Eu acho que isso é muito bom é mas ele é é essa tecnologia às vezes é mal usada, as pessoas têm informações erradas e acabam não tendo uma relação pessoa a pessoa, né. Esse contato nós não temos, entendeu?!

5-O que você entende por conflito?

Conflito na minha opinião eu acho que é a falta de entendimento entre as pessoas, né. Um não concorda às vezes com a situação do outro.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

É a falta de respeito de, da... opinião do outro. Eu acho que isso que gera um conflito porque se um respeitasse o espaço do outro não existiria o conflito.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

Que pessoas...pessoas que você tá falando quem, professor? Eu acho que quem tenta mediar são os funcionários e os alunos.

8-Você acredita que elas o façam com ética?

Em algumas situações sim outras, não.

9-Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

Eu acho que o diálogo, né. É a conversa é e dependendo assim do entendimento, entre é esses grupos, a gente consegue resultados e às vezes não. A gente às vezes, consegue que o aluno ou que o professor ou que o funcionário, ele se entendam né, e aquilo se resolve, mas em determinadas situações, isso não acontece.

10-Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Eu acredito que quando existe a sinceridade né, em colocar a ética né, que eu coloquei na primeira pergunta, que é respeito e amor, e se existe essa sinceridade esse respeito essa ética vai ter uma um funcionamento nisso, se não acontece isso, não tem nem valor né. Ela não vai ter valor.

INSPETOR 1

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

Olha só...atualmente pra mim eu vejo, pelo que eu vejo, pelo ambiente enquanto trabalho, que aqui quem vem, vem pra concluir uma etapa,

simplesmente. Terminar o ensino médio, pra tentar conseguir um emprego, conseguir alguma coisa melhor é e pronto, uma etapa da vida que tem que ser terminada e num...sinceramente; não estão muito preocupados como se da melhor forma possível ou simplesmente pra concluir. Eu como mãe que sou espero muito da escola da minha filha que que ela seja capaz de instruir ela adequadamente pra que ela fique preparada para vida dela, entendeu? Uma coisa que eu gostaria muito é que além da do que tem que se ensinado além do português e matemática, que fosse também, que se falasse das questões morais, voltasse a falar na escola. É importante se voltasse a falar das questões morais como era antigamente que a gente tinha até matéria voltado para isso. Eu gostaria que falasse de, até de religião porque é preciso conhecer pra você dizer, não, não quero não vou ser, não vou fazer parte, você tem que conhecer. E política também, porque a gente tá vivendo um momento que você tem que saber, entendeu? Você tem que conhecer, você tem que tá instruído também. Então eu acho que esses assuntos importantíssimos deveriam ser abordados na escola, entendeu? E, mas não assim no sentido de botar ideias, ideias prontas, ideias formadas. Eu queria que ensinasse minha filha a pensar, entendeu? Motivasse ela a criar as próprias dela.

2-O que você entende por ética?

Olha, ética é quando a pessoa age corretamente, dentro da vida profissional dela e também no seu dia-a-dia nos seus grupos diariamente na sua vida entendeu? Quando ela age de maneira confiável, né, respeitando o próximo, seguindo alguns é...princípios e valores que são determinados pela sociedade como corretos. Ética pra mim é isso.

3-Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

Não, eu não acredito. É infelizmente eu acho até dentro da sociedade como um todo o nosso país, tem gente que não se preocupa com isso, né? E tem gente que nem conhece ética, então não seria diferente no ambiente de trabalho, não seria diferente!

4-O que você entende de relações interpessoais?

Pra mim é qualquer é... relacionamento entre duas ou mais pessoas, qualquer meio que ela participe, tipo a escola, a igreja, a família, qualquer lugar.

5-O que você entende por conflito?

Conflito é quando quando nesses meios, as ideias não batem. Existem ideias diferentes, pensamentos diferentes é e... né eu quero de um jeito, eu penso do outro e rola o conflito. Por uma coisa ou outra pode ser uma besteira, pode ser uma coisa grande. Isso é um conflito.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

Olha, pra mim...nesse ambiente que eu vivo, o que que acontece, eu acho que os maiores conflitos hoje é em virtude de um grande poder irresponsável é que foi dado pro jovem e pra criança. Hoje em dia dizem pra criança: você pode isso, você pode aquilo, ninguém pode te repreender, ninguém pode te dar um tapinha, entendeu? Ninguém pode te chamar de feio e isso eu acho que isso tomou uma dimensão muito grande dentro deles, entendeu? E aí, só que esqueceram de dizer também mas tem o outro lado tá. Você pode isso, mas você tem que respeitar, aa a opinião do outro, você tem que respeitar o trabalho do outro, você tem que respeitar o seu professor dentro da sala de aula. E por conta disso eles se achando é é é poderosos e livres pra fazer o que quiser eles não querem mais é... como antigamente, é respeitar o professor, respeitar o profissional que tem que tomar conta dele aqui fora ééé...exatamente isso que ele quer entendeu? Eu acho que o maior conflito que a gente tem é por conta disso.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

Bom aqui, aqui, a gente tem os coordenadores, os orientadores aliás, os orientadores, os orientadores, e por fim a direção quando a gente necessita chegar adiante, a direção, essas são as pessoas.

8-Você acredita que elas o façam com ética?

Do meu ponto de vista sim, pelo menos nos conflitos em que eu pude ver ou participar até...eu acho que o assunto foi tratado sim com ética.

9-Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

Olha só...É primeiro eu acho que tem que se ouvir os dois lados entendeu? Por mais que a situação te chegue de um jeito que você ah fulano tem razão, fulano não tem razão. Ouvir os dois lados, ser imparcial, tá. E estimular que conversem, entre si né, e ee estimular essa conversa e fazer com que se chegue a um acordo entendeu? E também que a pessoa se comprometa nesse acordo. E você vai fazer assim, você vais fazer isso ponto e acabado, tem que haver um compromisso. Acho que o mediador é que tem que que que é fazer com que esse acordo aconteça.

10-Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Sem dúvida, sem dúvida porque se o cara chega lá, e ele não age com, não passa confiança, entendeu? Se ele for do tipo ah faça o que eu falo, é faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço. Como é que vai ser? Vai chegar a esse acordo? Não, não vai chegar. Em algum momento na primeira, segunda vez...né pode acontecer, mas depois que a pessoa ver:... ah aquela pessoa ali, diz pra mim que eu tenho que agir assim e ela mesma não age daquela maneira, então se ele for ético, se ela não tiver ética, o processo não vai funcionar, com certeza não vai funcionar. Então, sim eu acho que é muito importante.

ALUNO 1

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

Bastante melhoria, não só na infraestrutura da escola, como no pensamento dos alunos, em relação a preconceito e etc. Porque na escola, querendo ou não

tem muito preconceito. Principalmente, na minha antiga turma porque em relação à religião, então tinha aquele conflito todo em relação a isso E esse ano não tem tanto porque tá no começo do ano, ainda. Então acho que só isso que precisa melhorar.

2-O que você entende por ética?

Como posso explicar isso... (dúvida). É não é porque eu fico nervosa pra falar essas coisas...Maneira como é respeito, é postura, principalmente se é professor, como curso normal. Tem que ter postura, saber tipo lidar com os alunos, lidar com os próprios amigos. Bom, eu creio que seja isso.

3-Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

Não, todos não. Alguns sim, costumam ter ética, agora nem todos não falo só em relação a aluno, com professores também.

4-O que você entende de relações interpessoais?

Eu acho que seja a relação entre as pessoas, né.

5-O que você entende por conflito?

Acho que foi o que falei em relação até em respeito ao próximo, existem vários tipos de conflito. Então mais sobre isso preconceito, sobre religião também, sobre ter respeito ao próximo é. Como está iniciando o ano nem tanto mais a gente vai ver daqui pra frente como vai ser, porque já dá pra ver em algumas turmas que existe esse conflito, mesmo sendo no começo.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

Ah...sobre os conflitos mais comuns, acho que é em relação às entidades envolvendo o grêmio, até gêneros, (deixe eu ver), em relação a preconceito que esses são os maiores conflitos, principalmente em relação a entidades e grêmios porque até esse ano mesmo, já teve muita gente falando mal em relação ao grêmio antigo, sobre as entidades porque acham que o que aconteceu no ano passado pode acontecer esse ano também. Então costuma ter muitos conflitos tem gente que não gosta de outros alunos porque participaram de ocupações, de entidades, é participam de entidades, foram do

grêmio ou de algum movimento e até mesmo por ser homossexuais ou ser de, ser negro, feminista também, pois na escola tem machista. Então acho que esses são os maiores conflitos.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

Não sei como dizer...acho que os professores então, assim que tentam resolver mas tem alguns alunos que também tentam, mas só que uns por ter esse conflito, tentar ajudar eles acabam...é criando esses conflitos com outros também. Então acho que fica bem difícil. Não acho que, a não ser as entidades também, porque tem muitos alunos que tem esse conflito com as entidades entidades estudantis que tem membros de fora da escola. Até religioso mesmo e preconceituoso. Porque já passei por situações sim com colegas, que eram de outra escola e fomos passar e eles sofreram preconceito, bullying por ser negro, ou homossexual, homossexuais.

8-Você acredita que elas o façam com ética?

Mais ou menos, uns sim outros não, porque uns conseguem resolver isso com ética mesmo, outros não já querem partir pra agressão, já querem brigar direto discutir então acho que todos não.

9-Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

Não só a conversa, como trazer coisas...alguns debates pra falar sobre isso, religião. Não só pra escola toda, como em sala, debates, palestras, que eu acho que seria o essencial pra mudar isso. É porque...se acho que a conversa seria melhor, o diálogo, porque talvez se tomar outras providências se torne pior. Então acho que o diálogo seria o primeiro. Porque se não tiver o diálogo acho que pode acontecer coisa pior, se tomar outras providências... porque mesmo se colocasse o debate na escola nem todos não iriam prestar atenção, só aqueles que mesmo que sofrem aquilo que sabem na pele o que é passar...

10-Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Sim, acredito pois se você tiver ética em relação a isso. Se não é que seja uma educação, é uma postura, se souber falar com a pessoa, conversar, entender os dois lados, vai saber resolver mais rápido. Agora, se não tiver ética em relação a isso, vai ser bem difícil, porque vai causar mais conflito, é.

ALUNO 2

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

Acho que procuram conhecimento pra se tornar alguém melhor ou ter uma profissão melhor entendeu. Porque às vezes os pais não tem estudos e procuram, e querem que os filhos tenha educação pra ser alguém na vida, que eles não foram.

2-O que você entende por ética?

Dependendo da profissão, ética pra mim é aquilo que você aprende, você sabe que faz com rigor que você que você vai usar futuramente, quando você se forma, e você exerce aquilo da forma correta, entendeu. Ética pra mim é isso!

3-Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

Não, tem algumas pessoas que não tem ética entendeu? Alguns falam mal e tal, mas tem pessoas que não se relacionam com ética. Alguns sim, mas a maioria não, entendeu? Não vivem aquilo que acreditam ou fala o que pensam, não.

4-O que você entende de relações interpessoais?

Não faço a mínima ideia do que é isso.

5-O que você entende por conflito?

Conflito são as pessoas não se entenderem, brigarem entendeu? Não se darem bem, no seu seu trabalho, na sua escola,...Às vezes, tem pessoas que que não tem as mesmas ideias e não respeitam as opiniões dos outros, e aí surge um conflito naquele local, naquele ambiente.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

Hoje em dia a gente não vê tanto conflito, sabe parece que as, que os alunos amadureceram e não tem muito mais. Mas, antigamente, tinha muito: brigas é...discussões dentro da escola, ficava uma coisa bem chata, né. Mas hoje em dia não tem mais.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

Os diretores, os funcionários, eles tentam conversar levar ou até punir, quando a gente burla, passa por cima de algo, entendeu?!

8-Você acredita que elas o façam com ética?

A maioria sim, entendeu? Tem alguns que respeitam eles porque acreditam que agem com ética e alguns não. Mas a maioria, sim. entendeu?!

9-Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

Ahh a punição, eles punem éé com... é com advertências entendeu? Eles punem a gente dessa forma, quando a gente passa por cima de alguma coisa, entendeu? Advertência, a gente fica sem, sem um tempo sem vir pra escola, entendem. Tentam compreender porque a gente fez aquilo da seguinte forma.

10-Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Sim, porque quando a pessoa tem ética, o sinal de respeito que às vezes, até de superioridade pra quem acredita, entendeu, quem tem o sinal de respeito pela aquela pessoa e aí a gente consegue amenizar a maneira como tá acontecendo.

ALUNO 3

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

O que eu acho que é o que eu esperava da escola: ou espero que é interação social que é conhecer pessoas novas, amigos, colegas. Conhecer muita gente nova, conhecimento, que é aprender bastante coisa, mesmo com dificuldade, mesmo com matéria bem legais ou menos legais, e eu esperava e muita gente espera da escola que ajude aos alunos a encontrar o que precisa, precisa não opa, errei cursar, o que fazer depois do ensino médio e o que acho que é uma coisa que todo mundo tem dúvida, todo mundo quer saber o que fazer depois do ensino médio. Então a escola deveria ajudar um pouco mais nisso. E é isso que eu esperava e todo mundo espera da escola.

2-O que você entende por ética?

Ah eu aprendi acho que na quinta série a palavra ética, que eu nunca tinha escutado sabe. Mas é então, eu entendo por ética que é respeito/ (barra) educação são quase a mesma coisa e acho que foi isso que eu respondi sabe. Respeito e educação, você saber se comportar, você saber falar, você saber interagir, saber o que é bom ou não para as pessoas que você tá vivendo, que mais?...Acho que é isso, bom senso sabe, saber se comunicar, saber falar, saber como agir adequadamente isso é ética educação/respeito. Educação/ e respeito acho que é isso! E ou e respeito.

3-Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

A resposta é um pouco e relacionada ao ambiente escolar. Porque nós somos adolescentes é da maioria, não age com respeito, nem educação, não sabe se colocar, não sabe o que falar, tipo, pra deixar ou não alguém confortável, entende? Acho que a maior base de conflito na escola é o diálogo. As pessoas erram muito, não sabem se expressar, como respeitar alguém, entendeu? Opinião, sobre o ambiente de trabalho, geralmente onde eu trabalhei que foi a prefeitura municipal de Iguaba Grande, as pessoas se relacionavam com muita muita ética, muita.

4-O que você entende de relações interpessoais?

Como eu disse eu nem sei nada sobre relações interpessoais, eu nem sabia o que era isso. Amizade, coleguismo, companheirismo, sabe. Mas acho que a palavra mais se encaixa é amizade.

5-O que você entende por conflito?

Conflito, na minha opinião é desentendimento, conflito é desentendimento, é algo ruim. Discussão é troca de ideia, Então conflito é desentendimento.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

Eu considero o bullying, um conflito, então zoação e a falta de aceitação de pessoas diferentes ou incomuns é o que mais gera conflito no ambiente também escolar. Mas também tem trabalho em grupo, que acontece todo bimestre, também gera muito conflito (rsrs...), em todas as escolas que eu já estudei. Eu acho que eu já estudei em quatro escolas na minha vida. Então é a falta de aceitação e trabalho em grupo são os grandes causadores de conflitos.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

Ah geralmente parte diretamente dos alunos, dos próprios alunos, ou dos alunos ou dos colegas dos alunos envolvidos e também dos sempre, então acredito que todas as escolas têm, como fala inspetor, acho que eles são os mais próximos dos alunos, inspetores e professores que estão dentro da sala de aula. Então, eles são os que mais tentam mediar, mas em geral todo mundo tenta mediar o conflito, tenta impedir tenta amenizar. Todo humano faz isso até na rua tipo alguém tá brincando na rua, você tenta impedir no mercado, em qualquer lugar, em geral todo mundo tenta mediar, mas os que mais fazem são professores e alunos em casos pequenos. Em casos graves diretores e sei lá psicólogos, pedagogos, tentam mediar. Vamos finalizar, calma aí, os que mais tentam mediar são os alunos, professores e inspetores.

8-Você acredita que elas o façam com ética?

Eu acredito que eles façam com ética. Bom os alunos que geralmente tentam mediar conflitos, não fazem com ética porque acho que é natural que todo

adolescente ou criança ser mal-educado não entendo isso, não deveria, mas a maioria não todos, não fazem com ética. Já os inspetores, professores fazem sim com ética porque eles sabem o que é ética e conseguem praticar de uma forma mais eficaz, direta...não sei explicar. E então se for para os alunos, a resposta é não, e para autoridades como inspetores, professores e diretores a resposta é sim.

9-Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

Diálogo é coisa que todo mundo usa, em todas as escolas. Eu aprendi e comecei a fazer isso fora da escola, quando eu ainda era criança, tentar conversar, não insultar, não brigar, sabe? Agredir alguém, até porque quanto mais o tempo passa, mais grave essas ficam. Então o diálogo a coisa mais usada para reduzir conflito na escola. E penalizar né com advertência, acho que no começo, no ensino fundamental, advertência é uma coisa muito ruim. Mas no ensino médio ela, perde esse valor, sabe de ser algo tão ruim. Acaba sendo um, uma advertência, levei uma advertência. Deveria ser mais rígido né.

10-Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Sim, eu acredito que a ética diminui muito, muitas vezes até evita os conflitos, porque se usada desde o início, às vezes nem tem conflito sabe? Coisas pequenas como como...sei lá pisar no dedo de alguém pode gerar um conflito enorme se for no ensino médio. Mas se o “aluninho” for educado com o outro talvez não gere. Se o aluno usar a ética, talvez não gere o conflito. E assim vale por todas as coisas mínimas que as pessoas geralmente causam conflito, se usa da ética desde o início, não haverá conflito. Nem sempre né!

ALUNO 4

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

O que mesmo...o que as pessoas esperam, é muitos procuram educação, mas eu acho que educação vem de casa. E uns, mais conhecimento, para

aprendizado para se tornar uma pessoa melhor futuramente. Pra você se empenhar mais é tipo assim, é... se encaminhar para um futuro melhor, pra uma profissão é...acho que é isso que a escola...

2-O que você entende por ética?

Ética..., ética é que eu entendo por ética é mais o comportamento do humano, do ser humano, entendeu. Você, por exemplo, se ele faz algo errado, que eu acho que, não isso é consciência que eu ia falar. Mas ética é mais o comportamento do homem, que faz alguma coisa antiético e alguma coisa errada, alguma coisa errada, alguma coisa contra a lei. Isso vai da ética de cada pessoa, entendeu?

3-Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

Não, não, acho que não. Muitos, acho que a grande maioria acho que não se relaciona com a ética.

4-O que você entende de relações interpessoais?

Na verdade nem sei explicar o que é isso.

5-O que você entende por conflito?

Como assim? Que tipo de conflito? Conflito no meu conhecimento é quando a pessoa tem “antipatia” uma com a outra que pode gerar briga. Isso no meu conhecimento ou não entendeu? Às vezes, num encontro de batalha, quando as pessoas têm rixa com a outra pode gerar esse conflito.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

Não no meu...de acordo com o meu conhecimento não vejo muitos conflitos no meu ambiente escolar, não, entendeu. Já vi alguns em alguns entendeu, atualmente acho que é mais maneirado assim. Não tanto no meu ambiente escolar. Nas outras escolas, sim.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

Mediar como assim? Acho que mais é os funcionários é os professores, os diretores é que acho que tentam amenizar isso.

8-Você acredita que elas o façam com ética?

Sim, sim que eu acho que eles respeitam muito o trabalho deles, que acho que eles estudaram pra isso, buscaram coisas que valorizam o trabalho deles.

9-Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

Diminui...Acho que tentando apazigua o conflito amenizar as vezes a rivalidade um do outro, entendeu. Às vezes, dando punições porque eu acho que às vezes é necessário, que eu acho que isso é o que faz a redução, entendeu?!

10-Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Sim. Ah a maneira eu não sei explicar direito, mas eu acredito que a ética pode auxiliar sim.

ALUNO 5

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

Eu acredito o... que elas esperam um lugar pra...pra se preparar pro mundo, pro mundo real, porque até, até o ensino fundamental, a a vida não começou ainda. Só só a partir do ensino médio que ela vai se descobrir, descobrir como como a vida é. Que a vida não é aquelas mil maravilhas que todo mundo pensa. Vai levar na cara várias vezes, vai cair várias vezes. Mas é o lugar onde ela vai aprender a levantar.

2-O que você entende por ética?

Ética...ética eu acredito que...o que eu entendo é ter respeito pelos outros. É saber a hora de falar, a hora de escutar, saber entender os outros não só ouvir, saber entender.

3-Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

Não, infelizmente, nem todos. Sempre tem um ou outro que não respeita, que não quer saber de nada...sempre, sempre vai ter um, sempre. Em qualquer sociedade vai ter um desses.

4-O que você entende de relações interpessoais?

É o que eu entendo é saber se relacionar com a pessoa, saber conviver com as pessoas, porque escola é o...a primeira sociedade em que as pessoas vão ver diferenças mesmo: diferenças grandes tipo de nacionalidade, de cultura, de religião, tudo.

5- O que você entende por conflito?

Conflito? Conflito pra mim é quando duas pessoas têm opinião diferentes e debater sobre isso.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

Ah com certeza é religião. Religião é um dos mais, é um dos maiores conflitos aqui. Também tem nacionalidade, etnia. Esse é um dos maiores conflitos.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

Eu acredito que todo mundo, os alunos, os professores, os funcionários, todo mundo. Todos eles de alguma forma tentam resolver esses conflitos.

8-Você acredita que elas o façam com ética?

Acredito que sim. Quem realmente tenta resolver esses conflitos, sempre faz isso com muito respeito.

9-Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

Normalmente, a maior delas são, são...as apresentações, principalmente sobre culturas diferentes. Tipo...esqueci o nome a essa apresentação aí de cultura indígena, africanas. Essas são grandes formas de, de resolver esses conflitos que existem.

10-Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Eu acredito que sim porque se a pessoa vive no conflito e a pessoa tá vendo que você não se importa mesmo, não quer saber, o conflito não vai acabar assim. Mas se a pessoa vê que você está esforçado se você se importa, se você aceita as diferenças, os dois envolvidos ou mais, aí eu acredito que sim, que se pode chegar a um acordo.

ALUNO 6

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

Atualmente, principalmente, na escola pública, eu acredito que nada porque na minha visão a metodologia de ensino brasileiro não funciona. É a socioeducativa instituída por Paulo Freire, isso acabou, já tá ultrapassado. Mas, né eu como um mero aluno não mando em nada. Então tem que ser o Governo Federal, o MEC, a SEEDUC e etc. Essa é apenas a minha opinião, né. Mas o que eles esperam da escola? Olha, eu sinceramente, eu não espero nada porque, como eu sou um aluno eu vejo os outros alunos, eu não vejo ninguém se esforçando, todo mundo quer ficar lá embaixo brincando, quer sair mais cedo da aula por vários motivos. Eu, realmente na minha concepção de escola é busca de conhecimento, mas no Brasil isso não acontece, ninguém busca conhecimento. Tá aqui ou quem que pegar cota do ENEM ou só mesmo pra pegar o ensino médio e começar a trabalhar. Essa é a minha visão do que você acredita que as pessoas esperam da escola.

2-O que você entende por ética?

Ética eu já acredito que seja um ideal, um ideal da pessoa, certo? Do que ela é, uma vamo dá um exemplo bem clássico de ética honestidade, mas tem gente que não é honesta. Acredito que ética seja isso, a pessoa faz o seu ideal. E nada mais.

3-Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

Olha, eu acredito que não, sinceramente. Sinceramente, eu acredito que não. Principalmente, porque eu soube um pouquinho da relação dos professores, diretores, etc, no ano passado e pelo que eu vejo muita gente troca farpa e parece que é normal. Então ética, ética eu acredito que não.

4-O que você entende de relações interpessoais?

Interpessoais, realmente eu não tenho nada...de pessoa pra pessoa? Olha na escola, eu não vejo isso, não vejo...mas o que eu entendo na escola, seria relação de pessoa pra pessoa, pode ser isso não sei, mas eu tenho quase certeza de que isso não acontece na escola.

5-O que você entende por conflito?

Bom, pra mim conflito podem ser várias coisas, tanto conflito ideológico, quanto conflito físico, de guerra. Isso, ou conflito entre alunos, também. Mas não acredito que realmente o que acontece hoje, principalmente agora em dois mil e dezessete é o conflito ideológico, da esquerda, da direita, do liberal, do olhar capitalismo, o anarquismo e etc. Mas na minha concepção o que tá perguntando aí conflito tanto ideológico, quanto conflito físico, a guerra.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

Foi o que eu acabei de dizer o conflito ideológico, de esquerda, de direita, liberal, oligocapitalista, isso mais do que nunca é o que estamos vendo em ascensão e acho isso bom porque é se a gente se colocar o país no caminho certo, que a minha visão é conservadora, certo? Nós vamos mudar o cenário, porque já tem dez anos que a esquerda manda nesse país e todos nós sabemos o que aconteceu.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

Olha sinceramente, eu só vejo os diretores fazendo isso. Fora isso, não vejo ninguém, professor não quer se meter nisso, são pouquíssimos os que realmente, tem uma retórica com aluno, a maioria deixa de lado. Então, na

minha escola, eu acredito que apenas os diretores. Eles realmente vão em cima e conversam um pouco mas, o resto, nem aluno faz isso.

8-Você acredita que elas o façam com ética?

Depende muito da pessoa pra pessoa, a ética é de pessoa com pessoa, assim é individual, eu não posso falar, algumas sim fazem. Outras apenas pelo cargo de diretor, pelo status e sabe as obrigações do diretor. Nada mais do que isso.

9-Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

Hum...debate...Quer dizer eu não vejo debate aqui na escola, mas é um debate pessoal, de pessoa... de professor pra aluno, de de diretor e aluno, certo, debate bem informal, explicando que essa é a principal, fora isso eu não vejo nenhum.

10-Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Sim, sim se a pessoa tiver um ética muito forte, um ideal muito forte, ela será sim mediante é... nesse conflito, tanto para o bem, quanto para o mal.

RESPONSÁVEL 1

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

Olha, eu digo pela minha, a minha é muito assim, interessada em aprender, em querer se descobrir o mundo, sabe. Ela quer muito assim sair daqui, continuar, fazer uma faculdade, então ela tem muito, assim almeja muita coisa da escola, né. Participa de eleição pra grêmio, é representante de turma, tá na banda, se envolve com tudo.

2-O que você entende por ética?

Olha eu acho que ahhh ética é assim, é a base pra que você não atropete a os interesses do outro. Você não coloque a sua vontade em cima a vontade do

outro, né, e que você aja assim com respeito, acho que a ética e o respeito estão assim entrelaçadas.

3-Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

Bom, dentro do ambiente escolar, nem todos se relacionam com ética. Por que? Porque eu tenho ouvido relatos tanto de colegas, como da minha própria filha que algumas pessoas, e dentre os próprios alunos que fazem parte do ambiente, né, furando fila, funcionário guardando fila pra filho, na merenda é...e a gente vê o próprio aluno colando, né alguns alunos, então isso né faz parte do contexto escolar e a meu ver nem todos se relacionam com ética. Isso falando de um modo geral, mas é todos, toda regra tem a sua exceção e a escola é um ambiente que tem, circula muita gente, a comunidade escolar é grande, então nem todos tem a ética é...que faz isso no seu dia-a-dia. Então a resposta é não, nem todos se relacionam com ética.

4-O que você entende de relações interpessoais?

Relações interpessoais...eu assim é a convivência né, é a convivência do do de um com outro, do aluno com professor, ela com os colegas, né que é uma relação tensa. Ela é intensa.

5-O que você entende por conflito?

O conflito é quando tem assim os interesses são diferentes e e não consegue assim colocar um um ponto de partida assim você quer isso eu quero outra coisa, mas entre o seu querer e o meu, o que que a gente pode caminhar juntos pra que todos os objetivos sejam concluídos né. O conflito acho que é isso quando não se consegue chegar a um ponto comum pra chegar a um objetivo tanto de uma pessoa como da outra.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

Eu acho que os conflitos mais comuns...olha eu eu pra dizer a verdade, no momento, eu não vejo ela assim com dificuldade de interação, sabe, não vejo assim essa dificuldade de interação. Tem uma coisa ou outra porque no caso de B... ela é muito assim pra chamar, ela é muito líder, então ela tá ali na turma, e como representante então ela lembra das provas, ela diz que tem que

entregar trabalho, ela cobra muito. E isso pode gerar também né aquela coisa assim: “mas você é aluna igual a gente”! Mas ela não deixa muito essa questão, mas eu não vejo isso como prejudicial pra ela no momento. Por enquanto assim todo mundo aceita bem essa questão da cobrança sabe que é pro melhor é.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

No caso são as orientadoras educacionais, ...e elas fazem um trabalho muito bom. Elas chamam o responsável, e chama primeiro o aluno pra conversar, depois chama o responsável dos dois pra conversar pra dizer o que está havendo. Então assim se precisar a direção também tá ali presente, e são bem assim...chamam mesmo, interagem muito com os alunos e os alunos têm muita confiança nelas.

8-Você acredita que elas o façam com ética?

Faz, com bastante isenção, deixa eles colocarem a opinião deles assim eu acho que é com muita ética com muito profissionalismo.

9-Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

É a conversa mesmo, chamando responsável, vendo o que pode fazer, será que não tem um jeito de acabar com isso e tal e elas fazem registro, pedem pro responsável ler, assinar, pede pro aluno assinar se comprometendo a outro tipo de postura, né tem essa esse registro sim.

10-Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

É com certeza porque eu acho que a ética tá ligada ao respeito, né. Então esse profissionalismo e ao mesmo tempo essa essa autonomia que ele dá pra que eles se expressem e se coloquem. Ela faz com que o respeito esteja então dá certo. Tem respeito, então dá certo

RESPONSÁVEL 2

1-Atualmente, o que você acredita que as pessoas procurem na escola?

Ah esperam ter um futuro melhor, né. Ensino é tudo hoje em dia o que tá mandando mesmo, pra mim, na minha opinião é o ensino assim pra decidirem o que eles vão escolher, né esse é o que eu penso.

2-O que você entende por ética?

Ética pra mim, na minha opinião é a pessoa responsável, tem uma responsabilidade assim de cumprir com seus deveres e tentar fazer o melhor e certo, também. Eu acho isso muito importante a ética.

3-Entre as pessoas no seu ambiente escolar (trabalho), você acredita que todos se relacionem com ética? Por quê?

Pelo que vejo, pelo que minha filha fala assim, eu acho que não. São muito dispersos, pelo que eu converso com os professores também, mas acho que isso aí é mais da adolescência mesmo né? De assim eles ficam rindo muito, os professores dela né, procuro saber direitinho...Pode ser alguns sejam éticos sim de saber fazer as coisas, se relacionar, mas pelo que eu converso com os professores, acho que não são muitos não, acho que não são todos não.

4-O que você entende de relações interpessoais?

É entre duas ou mais pessoas que pode ser também no seu trabalho, né ou com a sua família.

5-O que você entende por conflito?

Conflito o que eu entendo, sei lá pode ser um conflito você não concordar com o que o colega fala, isso assim gera um conflito, mas de opiniões, de ideias diferentes, entendo assim como isso, não conflito de brigar, mas de pensamentos diferentes, pode ser isso.

6-Do seu ponto de vista, quais os conflitos mais comuns no ambiente escolar?

Não, pelo que converso com ela, ela não comentou isso não. Ela chegou a falar conflito assim entre alunos. Não, não acredito que tenha conflito não.

7-Que pessoas tentam mediar os conflitos existentes nesse espaço de convivência?

São aquelas pessoas, como dá o nome, tem a orientadora, é a orientadora educacional e sempre tem umas pessoas que ajudam, que colaboram né. Acredito que tem outras pessoas sim.

8-Você acredita que elas o façam com ética?

Sim, com ética e o assunto é muito bem conduzido.

9-Quais as estratégias utilizadas para mediar os conflitos existentes no ambiente escolar?

Conversando né, chamando pra conversar, na sala delas né pra poder amenizar esse conflito né. Chamando pra conversar o diálogo é importante. Fazem o registro pra saber, pra cobrar depois.

10-Você acredita que a ética auxilie na mediação desses conflitos escolares? De que maneira?

Sim, acredito, porque se a pessoa tiver uma ética assim, e você conversando, você se entende com as pessoas né, bom no meu entender é isso não sei se fui clara, mas o meu entender é esse. Diálogo é tudo também e a pessoa tendo ética, vai entender isso também pra conversar, pra falar suas, assim o que sente pela outra. Uma ouvindo a outra tem que falar, assim a pessoa parando pra ouvir a outra isso já uma ética. Ouvir a opinião da outra, prestar atenção no que o outro está falando pra poder chegar num entendimento.